



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD**

MARIA ANIZIA DE LIMA SANTIAGO

**ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE NO PROCESSO DE REVISÃO DE
TEXTOS: ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CONTO “A MISSA DO GALO”**

Brasília
2013

MARIA ANIZIA DE LIMA SANTIAGO

**ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE NO PROCESSO DE REVISÃO DE
TEXTOS: ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CONTO “A MISSA DO GALO”**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para a obtenção
de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação Lato Sensu na área Revisão de Textos.

Orientadora: Prof^a. Dra.. Edineide dos Santos Silva.

Brasília
2013

MARIA ANIZIA DE LIMA SANTIAGO

**ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE NO PROCESSO DE REVISÃO DE
TEXTOS: ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CONTO “A MISSA DO GALO”**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília (UniCEUB) como pré-requisito para a obtenção
de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação Lato Sensu na área Revisão de Textos.

Orientadora: Profª Dra. Edineide dos Santos Silva.

Brasília, 21 de dezembro 2013.

Banca Examinadora

Prof. Drª. Edineide dos Santos Silva

Prof. Dr. Josué Mendes

Dedico este estudo, primeiramente a Deus, minha fonte de inspiração, sem Ele, com certeza, não teria sido possível a conquista desta vitória. Aos meus pais Anísio Correia Lima (in memória) e Maria Pinheiro Lima que souberam me educar com sabedoria, carinho, amor e respeito ao próximo, mostrando-me sempre o caminho dos justos. Ao meu amado sobrinho Erlisson pela prontidão, amor, respeito e carinho. Ao Arthur, o meu mais novo príncipe, por me proporcionar tantas alegrias. A vocês a minha eterna gratidão e o meu amor infinito.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o dom da vida e ter concedido a graça de trilhar este caminho.

Ao meu pai, Anísio Correia Lima (in memória), pelo amor incondicional e por ter me dado a base para chegar até aqui.

À minha mãe e minhas irmãs pelo carinho, apoio e por acreditarem no meu potencial.

Ao meu sobrinho Erlisson, pelos préstimos, pelo carinho e apoio.

À professora Edineide, pela compreensão, paciência e pelo apoio incondicional, ajudando-me a ver de maneira profissional e competente, o melhor caminho a ser trilhado, sem jamais deixar de ver na orientanda o ser humano.

Aos professores Harrisson Rocha, Tânia Cruz, Cordélia, Ricardo, Flávia Nunes, Josué Mendes, pelos conhecimentos transmitidos.

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a minha formação.

Aos amigos Moisés e Socorro, pelo carinho e apoio nos meus momentos de dor.

A todos os colegas por me tolerarem durante o curso.

“Todo escritor convive com um terror permanente: o do erro de revisão. O revisor é a pessoa mais importante na vida de quem escreve. Ele tem o poder de vida ou de morte profissional sobre o autor. A inclusão ou omissão de uma letra ou vírgula no que sai impresso pode decidir se o autor vai ser entendido ou não, admirado ou ridicularizado, consagrado ou processado. Todo texto tem, na verdade, dois autores: quem o escreveu e quem o revisou. Toda vez que manda um texto para ser publicado, o autor se coloca nas mãos do revisor, esperando que seu parceiro não falhe.”

Luiz Fernando Veríssimo. Crônica. VIPE, 1995.

RESUMO

O presente trabalho objetiva reconhecer a importância dos elementos da textualidade, a coesão e coerência, no processo de revisão textual e, sobretudo na identificação de alguns mecanismos linguísticos na análise do gênero textual “Conto”, vislumbrando as características e recursos expressivos utilizados na escrita machadiana em “A Missa do Galo”. Nesse viés, reflete-se sobre a importância do processo de revisão de texto para melhorar a qualidade de gêneros textuais, no que diz respeito à estrutura e aos aspectos linguísticos utilizados na configuração textual, assim como de formas ou modos como o conteúdo é apresentado, assegurando a sequenciação, progressão, referenciação e manutenção temática, por meio de elos coesivos e procedimentos adequados na organização dos sentidos e significados textuais. Para tanto, a presente pesquisa lança mão dos postulados de diversos estudiosos na área da Revisão Textual para sustentação e fundamentação teórica, utilizando os seguintes autores na revisão bibliográfica: Púlio Athayde, Bakhtin, Jean Paul Bronckart, Marcuschi e Risoleide Oliveira, também de pesquisas em sites, blog, bibliotecas, objetivando a análise do conto a Missa do Galo, no que tange aos elementos da textualidade, mais especificamente àqueles que estabelecem a coerência e coesão textuais. Portanto, no transcorrer da análise foram identificadas algumas construções e estruturas sintáticas, bem como alguns recursos semânticos, estilísticos, por exemplo, o uso abusivo de elipses e anáforas, que caracterizam a contística nas escolhas técnicas autorais, visando mais simplicidade, informatividade, aceitabilidade e inteligibilidade, a partir da utilização de recursos linguísticos que instituem maior fluência do gênero conto.

Palavras-chave: Revisão de textos. Elementos da textualidade. Gênero textual “Conto”.

ABSTRACT

This work aims to recognize the importance of the elements of textuality , cohesion and coherence , the textual review process and especially in the identification of some linguistic mechanisms in the analysis of textual genre " Tale " , envisioning the characteristics and expressive features used Machado in writing in "A Midnight Mass " . This bias is reflected on the importance of the proofing process to improve the quality of textual genres , with regard to the structure and language skills used in the textual configuration, such as forms or modes as the content is presented , providing sequencing , progression, maintenance issue and referencing , through cohesive bonds and procedures in the organization of sense and textual meanings. Therefore, the present research makes use of the postulates of many scholars in the field of Textual Revision to support and theoretical basis , using the following authors in the literature review : Publius Athayde , Bakhtin , Jean Paul Bronckart , Marcuschi and Risoleide Oliveira , also research sites , blog , libraries , aiming at the analysis of the tale midnight mass , with respect to the elements of textuality , specifically those that establish textual cohesion and coherence . Therefore , in the course of the analysis we identified certain syntactic constructions and structures , as well as some semantic features , stylistic , for example , the overuse of ellipses and anaphora , featuring contística picture in technical choices , seeking greater simplicity , informativeness , acceptability and intelligibility from the use of linguistic resources establishing greater fluency tale genre .

KEY-WORDS: Proofreading. Elements of textuality. Genre "Tale".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Coesão referencial	56
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Principais mecanismos coesivos.....	59
QUADRO 2 - Tipos de Coesão.....	62
QUADRO 3 - Coesão Referencial e Sequencial.....	68
QUADRO 4 - Tipos de Mecanismos de Coesão e Coerência.....	82
QUADRO 5 - Ocorrências de mecanismos coesivos.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EMBASAMENTO TEÓRICO.....	15
1.1 A revisão e o revisor de textos	15
1.2 O revisor e os gêneros textuais	19
1.2.1 A importância do revisor de textos.....	20
1.2.2 Reflexão sobre gêneros discursivos e tipos textuais.....	22
1.3 Gêneros literários: prosa e poesia.....	34
1.4 Linguística e revisão de textos.....	37
1.5 Elementos da textualidade: coerência e coesão textual.....	52
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	67
3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	70
4. RESULTADOS OBTIDOS.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	93
Anexo: Conto “A Missa do Galo”	96

INTRODUÇÃO

Refletindo-se sobre a importância do processo de revisão de texto e o trabalho do revisor de texto para melhorar a qualidade de diversos textos e gêneros textuais e tipos textuais, facilitando a leitura e melhorando a compreensão, é mister evidenciar que redigir um texto corretamente requer conhecimento, raciocínio e criatividade, sobretudo conhecimentos linguísticos e gramaticais que assegurem a textualidade, bem como a harmonia, simplicidade, equilíbrio, regularidade e respeito à lógica.

Nesse prisma, o texto escrito deve apresentar uma linguagem bem cuidada e elaborada. Para que tal propósito seja atingido deverá o escritor cumprir, rigorosamente, os critérios difundidos como próprios da redação: clareza, concisão, correção, cortesia, naturalidade, objetividade, oportunidade, originalidade, persuasão, polidez, precisão, propriedade, unidade, cabendo ao revisor de textos observar os elementos da textualidade no processo de revisão textual.

Por esse viés, o texto é uma trama de ideias que deve ter coerência entre si, sendo que o revisor deve ter conhecimento das diversas estruturas dos gêneros e tipos textuais no processo de revisão. Ainda é necessário que se tenha uma boa linguagem e conhecimento de regras de escrita na análise dos elementos da textualidade na tessitura do texto.

Analisando os elementos da textualidade no conto “A Missa do Galo”, de Machado de Assis, identificaram-se os elementos linguísticos do gênero textual supracitado, observando o aspecto textual quanto aos modos de organização discursivos nele atualizados. Dessa maneira, faz parte do trabalho

do revisor de textos reconhecer os elementos da textualidade no processo de análise e revisão textual dos gêneros e discursos.

Para isso, buscou-se reconhecer os elementos da textualidade no processo de revisão de textos, compreendendo na análise do conto “A Missa do Galo”, de Machado de Assis, os principais mecanismos, procedimentos, técnicas e construções que asseguram a coerência e coesão do gênero textual. De tal modo, foram observados os principais elementos da textualidade a partir da análise do gênero textual “Conto”, identificando os elementos linguísticos na estrutura do texto, na consideração de alguns aspectos relacionados à forma, à função, às características, esquemas, métodos, processos, estruturas, fórmulas, bem como expressões linguísticas utilizadas por Machado de Assis na contística avaliada para manutenção da coesão e coerência textuais.

Assim, desenvolveu-se uma reflexão sobre o funcionamento, a natureza teórico-metodológica, a significação, funcionalidade e aplicabilidade do gênero textual “Conto”, demonstrando como essa trama textual materializa-se, resguardadas suas especificidades e propósitos, cabendo ao revisor a importante tarefa no processo de revisão direcionar, realizar interferências no texto visando à sua melhoria, apontando encaminhamentos e mudanças na tessitura do texto.

Diante dos fatos, no processo de revisão de texto, não se pode esquecer que os gêneros textuais são práticas sociais que podem incorporar práticas de outros contextos, podendo ser reescritos e recontextualizados. Portanto, a reescritura é um processo mais profundo em que se operam mudanças não apenas na configuração interna do gênero textual – adaptações nos aspectos linguísticos, na estrutura potencial e na função social imediata do

gênero. Tomando por base, é no interior dessas esferas, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, que se elaboram os gêneros discursivos, para responderem às necessidades interlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam.

Enfim, reflete-se aqui o papel do revisor no reconhecimento da diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais refletem a diversidade, multiplicidade e heterogeneidade do gênero discursivo selecionado conto oral e escrito, na identificação dos elementos que marcam a textualidade, dos aspectos composicionais e estruturais do gênero supracitado. Em suma, objetivou-se nesse breve estudo teórico analisar o gênero textual “Conto”, dessa forma, cabe ao revisor resguardar no processo de revisão textual as peculiaridades e especificidades de cada autor, ressaltando seu estilo e características autorais.

Levando em consideração o processo de revisão de textos selecionou-se o conto “A missa do galo” de Machado de Assis a fim da análise linguística dos principais recursos utilizados, bem como mecanismos que estabelecem a coesão e coerência textuais. Em virtude, o presente estudo se propõe a compreender como se dá o processo de construção de sentidos e de significação nas teias discursivas tecidas na trama machadiana.

Os objetivos do presente trabalho são: reconhecer a importância dos elementos da textualidade no processo de revisão de textos, verificando dados linguísticos sintáticos, estilísticos, morfológicos e escolhas técnicas de vocabulários na contística “A missa do galo”, de Machado de Assis. De tal modo, foram realizadas revisões bibliográficas de cânones na área da

linguística a fim de obter um manancial teórico de suporte para análise, embasamento, fundamentação e sustentação dos postulados científicos.

Destarte, espera-se demonstrar com este estudo a importância de elos e mecanismos coesivos para construção da coerência, vislumbrando como esses elementos constituem a textualidade em esquemas e estruturas características na contística machadiana. Nesse prisma, o presente trabalho foi então estruturado em 5 capítulos no embasamento teórico, sendo que o primeiro capítulo aborda “A revisão e o revisor de textos”, o segundo trata sobre “O revisor e os gêneros textuais”, tendo como subcapítulos a importância do revisor de textos e uma reflexão sobre gêneros discursivos e tipos textuais.

Em seguida, o terceiro capítulo versa sobre “Gêneros literários: prosa e poesia”, enquanto o quarto discute as contribuições da “Linguística e a revisão de textos. Por conseguinte, finaliza-se o quinto capítulo com os “Elementos da textualidade: coerência e coesão textual”. Consecutivamente apresenta-se os materiais e métodos lançados mão para revisão bibliográfica e sustentação teórica dos intentos da pesquisa, que fundamentaram a discussão e análise dos dados, assim como os resultados alcançados na análise linguística dos elementos de textualidade de coesão e coerência do conto em estudo.

1 EMBASAMENTO TEÓRICO

1.1 A REVISÃO E O REVISOR DE TEXTOS

Considerando o papel do revisor no processo de revisão textual, reconhece-se a sua importância, bem como a complexidade da tarefa nos procedimentos e incursões no texto. Assim, é necessário revisar os textos a fim de não correr o risco de publicações cheias de incorreções e incongruências. Nesse sentido, o revisor de textos é o profissional que irá acrescentar muito ao texto, visto que o seu olhar vislumbrará com mais facilidade a erros e repetições que passam despercebidos pela insensibilidade do autor.

Dessa forma, a revisão de textos é outro olhar sobre o texto, ou seja, é apor vista a alguma coisa, observando possíveis desvios, erros, assim como aspectos relativos à estrutura ou aspectos linguísticos de adequação do modo como o conteúdo é apresentado. Nesse viés há muito mais entre revisão de texto e retextualização que se pode supor. Então caberá ao revisor fazer uma incursão entre as emendas pedidas na versão anterior com as da versão posterior no saneamento local ou global no texto.

Analisando, o trabalho de revisão não se restringe à reformulação ou adequação linguística por meio de novas palavras ou novas frases (paráfrase), uma vez que é papel do revisor aplicar o processo de transformação da linguagem de um texto em outro para torná-lo mais inteligível, sem mudar a informação do texto-base, utilizando para isso construções sintáticas, ajustamentos e uma precisão maior de sentido.

Portanto, o revisor deve estar atento aos efeitos discursivos e de sentido no texto sob sua responsabilidade, de tal modo deve ater-se à continuidade semântica, tendo uma intervenção responsável e entendimento completo das nuances do texto. Enfim, compreende-se que a revisão é antes de tudo uma reflexão intencional na intervenção, na retextualização e reescritura do texto-base.

Assim sendo, a expressão retextualização poderia igualmente ser nominada de refacção ou reescrita, ou seja, ocorre quando as mudanças dão-se apenas em aspectos formais de escrita. Por isso, o propósito do revisor, bem como suas ações incide sobre as formas linguísticas e aspectos como formatação, com a intenção de melhorar a compreensão do texto, isto é, as mudanças provocadas pela ação do revisor ocorrem no sentido de fazer com que o texto adapte-se ao gênero de modo a atingir sua configuração adequada, sem alterar a sua função social.

O revisor deve imputar falhas, defeitos, exercendo sua competência linguística, considerando que o texto é um objeto sob o qual vai se prestar ao estabelecimento de uma proveitosa relação colaborativa, e que se faça o autor ter essa impressão. Destarte, revisar um texto é um processo técnico que visa ver, rever exaustivamente um texto para modificações e melhorias, ocasionando alteridade com método, isenção e distanciamento.

Por isso, o revisor deve considerar fatores como o equilíbrio das informações, a lógica argumentativa, se há paralelismo ou gradação nas ideias, se há omissões relevantes entre dados e argumentos, se existe homogeneidade na apresentação de dados, se há amarração entre todos os pontos levantados e as conclusões obtidas.

Nesse viés, na análise primária, o revisor irá eliminar os principais erros de digitação, de lapsos, de repetições, espaços indevidos, palavras colocadas inadequadamente ou na pontuação antecedente, repetições excessivas de determinadas expressões. Por conseguinte, cumpre ao autor deliberar ou não as sugestões e interferências dos revisores. Por tudo isso, é importante considerar que o trabalho do revisor é árduo, pois esse profissional dedica-se muitas vezes com exclusividade, precisando de disponibilidade para tarefa, assim necessita ser bem remunerado.

Vale ressaltar que para executar uma boa revisão, o revisor deverá entregar os trabalhos dentro do prazo, com segurança operacional e linguística e pleno domínio das diversas técnicas que asseguram todas essas características, apresentando responsabilidade, qualidade, alguns critérios e portfólio para execução da tarefa.

É necessário no processo de revisão de texto um distanciamento do objeto, tornando-se imprescindível que o revisor possa se colocar como leitor, tentando compreender as ideias sem outra influência que aquelas das palavras. Nesse sentido, revisar um texto é ter a capacidade de interferir no texto, dando-lhe alteridade e externalidade de forma isenta e justificada.

Levando em consideração se fez necessário durante a revisão primária, no intento de preparação de texto, bem como possíveis correções de incoerências, observações no que tange a repetições, uso incorreto da língua e falta de normalização, verificação de ortografia e sintaxe. Posteriormente na revisão secundária analisou-se a uniformidade e constância temporal e espacial das formas verbais, vícios de linguagem, clareza, ordenação sintática e hierarquização das ideias.

Por fim foi debruçada na revisão de provas a análise gráfica, a checagem da diagramação e editoração os erros de português, espaços, numerações, caminhos de rato, linhas viúvas, forcas e similares problemas de digitação. Assim foi realizada uma checagem objetiva com o objetivo de corrigir erros provenientes da versão eletrônica, bem como uma checagem subjetiva na obra completa.

Enfim, é fundamental uma revisão que esteja atenta à paragrafação, assim como na unidade e coerência de ideias e sentenças, propiciando ganho em legibilidade e apreensão de estruturas textuais, linguísticas formais. Buscando uma revisão ortográfica, sintática, questionando o texto em análise quanto ao conteúdo, organização e linguagem, de forma adequada, contextual, precisa e clara, agregando valores como simplicidade, harmonia, legibilidade e inteligibilidade. Dessa maneira, almejou-se observar a objetividade textual, a clareza argumentativa, a unidade e a organicidade do tecido textual.

Para isso, são utilizados alguns procedimentos para a formatação, orientação, alteração e preparação estrutural, visual e conceitual dos textos. Assim sendo é de vital importância a obediência aos juízos de valor, à estrutura formal, à coesão, à coerência, à objetividade, operadores argumentativos, o estilo, opinião dominante, uniformidade temática e contextual, intencionalidade e impessoalidade.

Para Athayde (2011, p.185) texto é “uma atividade consciente e organizada a qual implica a escolha/seleção de elementos linguísticos, a partir de um contexto sócio-interacional, cuja ordenação e combinação se dá de acordo com o projeto de dizer do produtor”. Na visão de Koch (2002, p.19) a atividade de produção textual de sentidos compreende o trabalho de um

produtor e, também, de um interpretador que mobilizam uma série de estratégias objetivando a produção de sentidos na organização, construção, formulações, sendo um processo em constante construção.

Diante disso é primordial na execução da tarefa de revisão possuir uma boa cultura geral, dominando as normas e padrões cultos da língua, ter concentração na análise minuciosa da forma, a composição, e conteúdo, conhecendo as leis e os processos da linguística, também está conectado às novas tecnologias para correção, clareza e organização dos textos.

1.2 O REVISOR E OS GÊNEROS TEXTUAIS

Diante da relação entre revisor e gêneros textuais, no processo de revisão de texto, não se pode esquecer que os gêneros textuais são práticas sociais que podem incorporar práticas de outros contextos, podendo ser reescritos e recontextualizados. Portanto, a reescritura é um processo mais profundo em que se operam mudanças não apenas na configuração interna do gênero textual – adaptações nos aspectos linguísticos, na estrutura potencial e na função social imediata do gênero.

Ponderando sobre o processo de revisão de texto, utiliza-se aqui a concepção como alteração visível no texto, cujo principal objetivo é o de melhorar o texto já escrito, controlando e diagnosticando as problemáticas do texto, na proposta de melhorias e resoluções na produção escrita. Deve-se assegurar no processo de revisão textual a correção da expressão linguística e a adequação aos objetivos, introduzindo nele modificações no sentido de conferir maior comunicabilidade e mais usabilidade dos gêneros textuais.

Assim sendo, no processo de revisão propriamente dito deve-se incluir uma leitura para avaliar, outra para a seleção de estratégias e a execução da revisão, a competência linguística formal, assim como critérios de planificação e de definição de gêneros textuais. Além disso, a representação do problema e procedimentos de revisão compreende também as dimensões retóricas e pragmáticas (assunto, público-alvo e importância) e a representação do texto realizado em processo de revisão ao nível discursivo e léxico-sintático. Contudo, o revisor é um consultor e a revisão de boa qualidade requer a participação do autor.

1.2.1 A IMPORTÂNCIA DO REVISOR DE TEXTOS

Para o revisor, o texto é um complexo de relações entre palavras, por meio de muitos artifícios da linguagem, é a esse complexo que atenta o revisor não se importando sobre o que as palavras estejam falando, mas sim se as palavras estão certas, bem como a melhor ordem possível para comunicar as ideias e se as conexões entre elas estão bem estabelecidas. Por isso, não importa ao revisor o sentido ou o conteúdo do texto, importa sim se há coerência e articulação.

Desse modo, o revisor de textos deve ter um conhecimento linguístico amplo e consistente, ultrapassando o conhecimento de algumas prescrições do padrão culto. Assim, o revisor tem que ser capaz de analisar os usos dos autores, observando sua adequação aos registros linguísticos e às instâncias discursivas, ultrapassando as armadilhas da hipercorreção e do

gosto pessoal, desprovido do suporte do saber teórico e da experiência com o texto.

Sob essa égide, na prática da revisão, a ação do revisor de textos consiste em deliberar sobre o uso e escolha por determinadas formas linguísticas concorrentes, oferecendo elementos para escolhas em um contexto sociocultural, estruturas sintáticas, vocábulo, discurso, com o objetivo de operar com uma série de variáveis características da atividade comunicacional, como o sujeito com quem se interage, bem como o objetivo que se quer alcançar.

Os revisores de textos devem ter seus olhos voltados para aspectos específicos do texto e questões linguísticas, lendo o texto em camadas, pois em cada leitura deverá estar atento a diversos aspectos, com foco analítico e sintético, considerando questões pontuais ou dispersas, sabendo quais são as expressões favoritas do autor, reconhecendo os bordões e frases feitas em que o autor incorre. Destarte, a revisão designa uma atividade de retorno ao texto, terminando em uma modificação efetiva dele. Assim sendo, a revisão de texto pode ser definida como um subprocesso do processo de redação que visa produzir uma melhora no texto.

Por isso, a revisão, independente de quem a realiza, em que contexto e com que objetivo, é uma etapa da produção de textos, porque o desvio – no sentido de assimetria – é constitutivo da linguagem. Cabe ao revisor de textos, em vez disso, propor alterações necessárias à adequação dos textos às condições de produção e recepção desses textos. E tais alterações compreendem desde as escolhas tipográficas e ortográficas, passando pelas gramaticais e lexicais, até as estilísticas e discursivas. O revisor de textos realiza modificações em um texto, compreendendo as ações

de interromper a progressão do texto, a fim de estabelecer um produto em ponto de ser consumido.

Todavia a prática do revisor de textos vem sendo comumente associada às profissões de jornalismo e editoração de revistas, jornais, livros ou trabalhos acadêmicos em práticas espaciais e temporais. É necessário em todo processo de revisão textual a análise exaustiva de diversas fases de revisão, sendo que as primeiras e a última pelo próprio autor, mas outras pessoas devem revisar o trabalho para que os diversos tipos de problemas sejam reduzidos ao mínimo. Nesse prisma, a revisão textual é tomada como um processo em que o revisor de texto realiza interferências no texto visando à sua melhoria. Por conseguinte essas mudanças podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por cortes, inclusões, inversões ou deslocamentos.

1.2.2 REFLEXÃO SOBRE GÊNEROS DISCURSIVOS E TIPOS TEXTUAIS

Tomando por base a reflexão bakhtiniana, a noção de gênero discursivo reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas, reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos são tecidos e elaborados para atender às necessidades interlocutivas dos sujeitos refletidas numa diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais há uma diversidade das (inter e intra) relações socioculturais dos grupos sociais.

Para tratar da questão dos gêneros, antes de tudo, deve-se, quase que obrigatoriamente, passar por Bakhtin. A grande maioria dos autores que

abordam essa temática percorre este caminho, pois é em Bakhtin que se encontram conceitos importantes de gênero. Para ele, qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992, p. 279).

A partir deste conceito, é possível perceber que a variedade de gêneros do discurso é infinita e estes mudam constantemente de acordo com sua esfera de utilização. Esse caráter mutável, Bakhtin denomina de: heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) (BAKHTIN, 1992, p. 279-280).

Além de definir os gêneros em primários – mais simples e ligados ao corriqueiro, e secundários – mais elaborados, como os literários, científicos e ideológicos, Bakhtin ressalta a importância de se levar em conta a situação social em que o enunciado foi produzido, já que um gênero absorve e transmuta o outro em cada esfera comunicativa. O gênero é a forma que a linguagem toma para expor um enunciado. Essa forma constitui esses tipos relativamente estáveis de que fala Bakhtin e esta estabilidade se dá histórica e socialmente nos contextos interacionais, deve ser considerada no processo de revisão textual como elemento de análise.

Os gêneros vão se transmutando de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridos. Daí a dificuldade de se definir uma quantidade de gêneros existentes, pois cada situação, cada contexto social pode originar um gênero com características próprias e objetivos discursivos específicos. Portanto, cabe ao revisor observar o caráter maleável dos gêneros textuais, assim como o reconhecimento dos elementos da textualidade.

Para Bakhtin (1992, p. 279), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, que se ligam a diferentes esferas da atividade humana. Segundo ele, ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero pode levar o estudo linguístico à abstração, desvirtuar sua historicidade e enfraquecer o vínculo existente entre língua e vida. O autor propõe, em suma, uma concepção dialógica para os gêneros, na qual o contexto de produção e de consumo desses enunciados tem grande relevância para seu estudo.

Por fim, convém dizer que as reflexões aqui desenvolvidas sobre a que funcionamento se presta as noções de gênero discursivo e tipo textual, como categorias de análise, em trabalhos que se propõem um estudo de tipificação de textos, não devem ser encaradas como uma solução pronta e acabada para pensar tal questão. A isso se some igualmente a escolha da terminologia para referir-se aos dados, tendo em vista a sua natureza e extensão aqui colocadas em análise.

Bakhtin (1992, p.69) cuja obra tem por princípio unificador a concepção dialógica da linguagem: Aquele que usa a língua não é o primeiro falante que rompeu pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo. Ele pode contar não apenas com o sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores [...] cada enunciado é um elo na cadeia complexa e organizada de outros enunciados.

Essa concepção dialógica não se circunscreve ao quadro restrito do diálogo face a face. Para Bakhtin, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente a palavra do outro (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25-27 apud BAKHTIN, 1990).

Isso nos permite dizer que para constituir um discurso o enunciador leva em conta o discurso de outrem, que está sempre presente no seu.

O gênero escolhido para desenvolver a análise foi o conto. Segundo Bakhtin (1990, p.302), os gêneros textuais podem ser divididos em dois grupos: gêneros primários – são textos da linguagem cotidiana que, numa situação discursiva podem ser controlados diretamente – e os gêneros secundários – trata-se geralmente de textos escritos que exigem uma linguagem mais oficializada, padrão.

Pode-se dizer que os gêneros primários são criações dos gêneros secundários. Os gêneros textuais são um enunciado com formas-padrão, têm conteúdo e possuem uma estrutura, mudando de acordo com as relações estabelecidas entre os interlocutores. Segundo Bronckart (1999, p.103), os gêneros textuais constituem ações de linguagem que exigem do interlocutor, competência para escolher dentre os diversos gêneros o mais adequado ao contexto e sua intenção comunicativa, além da aplicação e decisão que acrescentará algo a forma destacada recriando-a.

Os gêneros textuais são divididos em cinco grupos: narrar, expor, argumentar, instruir e relatar. Os textos pertencentes a um mesmo gênero possuem muitas coisas em comum, entretanto nem todos são um exemplar prototípicos desse determinado gênero. Bakhtin (2003, p.268) defende a ideia de que a fala ocorre apenas por meio de determinados gêneros do discurso. É necessário que conheçamos e nos familiarizemos com os diferentes gêneros textuais pertencentes ao nosso contexto social, porém não precisamos saber produzir todos os gêneros textuais.

Corroborando, a rigor, Marcuschi opera com a mesma noção de gênero empregada na obra de Bakhtin: gêneros discursivos, por ele denominados gênero textual, são formas de uso da língua, construídas à luz dos objetivos dos falantes e da natureza do tópico (tema) proposto na situação comunicativa. Em alguns estudos desenvolvidos no âmbito da linguística textual -, tipo textual é uma noção que remete ao funcionamento da constituição estrutural do texto. Isto é, um texto, pertencente a um dado gênero discursivo, pode trazer na sua configuração vários tipos textuais, como a narração, descrição, dissertação/argumentação e injunção, os quais tecem a tessitura do texto, ou, nas palavras de Bakhtin, constituem a estrutura composicional do texto aos padrões do gênero.

Vale ressaltar, ainda, para o estabelecimento de tipologias textuais, operam com uma noção de tipo de texto cuja significação, funcionalidade e aplicabilidade se diferem. ADAM (1987 1991); Favero e Koch (1987) e Van Dijk (1983), apontam 5 tipos textuais, nomeados tradicionalmente por narração, dissertação (expositivo), argumentação, descrição e injunção. Por conseguinte, essa orientação tipológica funda-se em reflexões sobre os esquemas globais, superestruturas, atualizados nos textos. Sob esse enfoque, a noção de tipo textual assume um caráter de um construto teórico, projetado basicamente para pensar o funcionamento do texto em termos de sua estruturação interna, na qual se imbricam vários planos, tais como o macroestrutural (semântico e sintático global) em sua relação com o esquema superestrutural.

Nesse prisma, o tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia

de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção, uma vez que o conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo.

Pode-se dizer que essas caracterizações atribuídas à noção tipo textual se imbricam, uma exercendo pressão sobre a outra, dimensionando-a como categoria de análise, que se define à luz de um conjunto de princípios textual-discursivos que incidem fundamentalmente sobre planos internos da composição do texto, nos quais se atualizam os modos de organização discursivos que figuram no texto. Esses modos discursivos ou tipos textuais, como se expôs, assumem formas e funções variáveis e específicas dadas à natureza do gênero a que pertence o texto.

Por isso, avalia-se ser necessário esclarecer que os gêneros são entidades dinâmicas e ponderar que gênero e tipo textual são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária, portanto, não existe essa relação dicotômica originada na classificação. Em menção, para a noção de tipo, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; para a noção de gênero, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção socio-histórica; nos domínios discursivos, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos.

Desta forma, ao analisar os gêneros textuais deve-se considerar o caráter flexível, maleável, dinâmico e a plasticidade. Assim sendo, na revisão/avaliação textual, portanto, um procedimento inicial é verificar a que

gênero pertence o texto a ser revisado/avaliado, a fim de verificar se sua função sociocomunicativa é bem explorada, cumprindo-se ao longo do texto. Portanto, cabe ao revisor/avaliador atentar-se primordialmente para essa questão da finalidade do texto, aliando-a, tanto quanto possível, às características formais e linguísticas do gênero.

Refletindo-se os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Ainda, é mister assinalar que Marcuschi distingue gêneros de tipos textuais dizendo que os *gêneros* são entidades concretas, empiricamente observáveis, de designações diversas, constituindo listagens abertas; e que *tipos textuais* são construtos teóricos, definidos essencialmente por sua natureza linguística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relação lógica e estilo). Os tipos não constituem, pois, textos concretos, mas são sequências de enunciados que ocorrem dentro de textos concretos. A designação dos tipos textuais é bastante fechada, sendo conhecidos, segundo Marcuschi, apenas os tipos narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo e injuntivo.

Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de uma maneira geral. Marcuschi (2008, p. 149) apud C. Miller (1984) adota a posição de que diz que os gêneros são uma “forma de ação social”, um “artefato

cultural” e, por este motivo seu estudo mostra o funcionamento da sociedade também.

Para demonstrar tal constatação, ele apresenta diversos exemplos, como monografia e trabalho de conclusão de curso, em que todos escrevem, de maneira geral, do mesmo jeito importante enfatizar que uma das ideias centrais da obra de Marcuschi é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto, sendo a comunicação verbal só possível por algum gênero textual.

Destarte, para deixar alguns conceitos claros, Marcuschi (2008, p. 154-155) define tipo textual como algo que designa uma espécie de sequência retórica subjacente definida pela natureza linguística de sua composição; gênero textual como os textos materializados em situações comunicativas recorrentes; e o domínio discursivo como muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas, por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.

Marcuschi segue enfatizando como os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder, pois eles são a nossa forma de inserção, ação e controle social. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero e eles são necessários para a interlocução humana. Apesar de que, para o autor, seja difícil denominar os gêneros, ele nomeia alguns critérios para esta tarefa: forma estrutural, propósito comunicativo,

conteúdo, meio de transmissão, papéis dos interlocutores e contexto situacional.

Um outro aspecto sublinhado é a questão da intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero. Para o autor, ela deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais. Resumidamente, no caso dos gêneros, temos: intergenericidade - um gênero com a função de outro e heterogeneidade tipológica – um gênero com a presença de vários tipos.

De tal modo há diferenças entre gênero e tipo textual. De acordo com Marcuschi (2008, p.165), está ocorrendo uma intertextualidade tipológica ou intergenericidade, visto que está acontecendo uma hibridização ou mescla de gêneros, isto é, quando um gênero assume a função de outro. Haja vista, verificar-se-á que o problema central não é o problema da nomeação dos gêneros, mas de sua identificação, pois, ainda com as palavras de Marcuschi, é comum burlarmos o cânone de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções.

Igualmente, mais recentemente, autores como Miller (1984) e Bazerman (2005) têm reafirmado essa perspectiva em suas obras, inclusive, aplicando o conceito de gênero textual (e seus exemplos concretos) ao ensino de língua e retórica. De acordo com Miller (1984, p. 159 apud BAKHTIN,2008), gêneros são ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes. Por constituir uma ação social, os gêneros nos ajudam a entender melhor as situações nas quais nos encontramos e as possibilidades de ter sucesso na ação conjunta (MILLER, 1984, p. 165). Já Bazerman (2005, p. 22-34)

argumenta que os processos de tipificação contribuem para criar padrões comunicativos, que fazem com que a mensagem seja mais facilmente compreendida pelas pessoas. Essas formas tipificadas emergem como gêneros textuais.

A partir desse conceito, o autor fornece a definição de *conjuntos* e de *sistemas de gêneros*: os primeiros como uma coleção de tipos de textos que uma pessoa, em um determinado papel, tende a produzir; e os segundos, como os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada. De acordo com Bazerman (2005, p. 149), por sua relação com o contexto, o estudo dos gêneros é importante para o indivíduo, levando-o a se relacionar melhor com o mundo que o cerca, como no caso de um iniciante em um ramo da atividade laboral, que vai conhecer e “vestir” um novo sistema discursivo.

Para Marcuschi (2002, p. 19 e 20), os gêneros textuais surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com as inovações tecnológicas, de modo que, nos últimos séculos, foram as novas tecnologias, especialmente as ligadas à comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais.

Ponderando sobre as classificações, gênero textual são textos materializados em situações comunicativas recorrentes, por isso é de fundamental importância que saibamos classificar, diferenciar e identificar os gêneros e tipos textuais. Sob esta perspectiva, são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e

estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. Sob esse ponto de vista, e retomando a problematização anunciada na introdução deste trabalho, a noção de gênero discursivo reenvia, em termos operacionais, a um estudo do uso, (dimensão pragmático-social), da forma (dimensão lingüístico-textual) e do conteúdo temático dos discursos, (dimensão temática/macroestrutural) materializados na forma de texto.

O presente estudo lingüístico vislumbrou o funcionamento da constituição estrutural do gênero textual, assim como os elementos que compõem a estrutura composicional tradicional, caracterizando o funcionamento e a estrutura interna do discurso, sua materialização no texto, cujo plano estrutural assume uma dada configuração em virtude de uma correlação entre os elementos de sua organização e suas condições de produção.

Pode-se citar, por exemplo, a superestrutura da narrativa canônica presente em textos dos gêneros como conto de fadas, fábulas, lendas, relatos/depoimentos, narrativas de costumes, novelas, romances, etc. Geralmente esses gêneros textuais possuem uma trama e estrutura composta basicamente das seguintes características: situação inicial, complicação/clímax, resolução, situação final, muitas vezes, seguidos da moral da história.

Refletindo sobre noções de gênero discursivo e tipo textual, observou-se que do ponto de vista de funcionamento e organização compreendem diferentes faces do discurso, visto que possuem diferentes modos de realização, apesar, das confusões em se considerar os termos com valores sinonímicos. Desse modo, tipo textual no âmbito da linguística é ao mesmo tempo uma noção que remete ao funcionamento da constituição estrutural do texto.

Pode-se afirmar que a categorização quanto aos tipos textuais leva em consideração as dimensões interacional, comunicacional, textual e linguístico. Destarte, os tipos textuais são definidos por propriedades internas de constituição, configuração, enunciados, esquemas globais, estruturas, organização, sequências e diferentes discursos que são operados por meio de diferentes tramas textual-discursivas.

No que diz respeito ao conceito de gênero discursivo é mister assinalar que sua noção se reporta ao funcionamento da língua em situações e práticas comunicativas reais e concretas, construídas na interação social. Assim os diversos usos da linguagem são manifestados sob a forma de diversos discursos, temas, composição, estilos, que atendem as necessidades sócio-comunicativas na produção e recepção dos gêneros. Corroborando essa ideia de gênero, a linguagem é uma atividade constitutiva cujo espaço de realização e construção é a interação verbal.

Para Marcuschi (2008) gêneros discursivos, por ele denominados gênero textual, são formas de uso da língua construídas à luz dos objetivos dos falantes e da natureza do tema proposto na situação comunicativa. De tal modo, os gêneros são construídos na interação comunicativa e são fenômenos

contextualmente situados, que atendem as necessidades interlocutivas e sócio-comunicativas, por meio de práticas reais de uso da linguagem e do discurso. Sob essa égide, a noção de tipo textual também se reporta há um conjunto de princípios textual-discursivos que incidem nos planos internos da composição e organização discursiva da tessitura textual.

1.3 GÊNEROS LITERÁRIOS: PROSA E POESIA

O estudo sobre gêneros literários é complexo e muito abrangente, uma vez que existem diversas definições e classificações que vão desde interpretações estratificadas, clássicas, canônicas e hierarquizadas até a negação da validade e existência dos gêneros literários, perpassando da antiguidade, idade média ao renascimento.

Assim sendo, a questão do gênero envolve múltiplos aspectos históricos, filosóficos e linguísticos. Conceituando a palavra gênero em literatura significa a designação de um conjunto de obras dotadas de atributos iguais ou semelhantes, subdivido em espécies e essas subespécies em formas classificatórias que existem como fatos consumados.

Para Horácio “os gêneros não eram meros agrupamentos provisórios, mas entidades reais, cuja estrutura e função podiam ser estabelecidas por uma lei que não era imposição externa senão descobertas de essências profundas”. De acordo com Quintiliano, gênero era definido pelo critério puramente docente e moralizador. Na visão de Camões “os gêneros eram fórmulas e formas fixas, sustentadas por doutrinas expressas em regras que deveriam ser expressas e praticadas com engenho e arte”. Atualmente, a

noção de *gênero* já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990, p.33), ao dizer que hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.

Sob a ótica dos racionalistas os gêneros não só preexistiam ao escritor como eram compartimentos estanques e puros. No romantismo, a distinção clássica dos gêneros é substituída por uma noção de gêneros impuros, mistos ou comunicantes, supondo que os gêneros tradicionais podem mesclar-se e produzir um novo gênero. Segundo Herbert Spencer (1861) apud Oliveira 2010 “os gêneros são autênticos seres vivos, nascem, crescem e morrem sujeitos às mesmas leis da evolução que regem a existência de todo ser biológico”.

Conforme Pierre Kohler (p. 140 apud MOISÉS, 2006, p.59) “a formação dos gêneros é uma obra coletiva, que se efetua por etapas sucessivas. Desse modo, os gêneros nascem por uma espécie de imposição natural”. Pelo prisma de Albert Tribaudet (1948, p.162 apud MOISÉS, 2006, p.55) “os gêneros são constantes porque ocorre uma reiteração dum módulo expressivo e dum modo de conteúdo. Assim o artista dá-lhe uma forma, uma estrutura”. O processo de figuração do gênero desenvolve-se a partir de objetos dotados de traços semelhantes, agrupados sob uma denominação geral, que se torna um paradigma e uma referência.

Dessa forma, os gêneros são estruturas básicas para a expressão do pensamento e de certas formas de ver a realidade circundante, sendo que cada gênero, espécie ou forma desempenha funções específicas, permitindo ver uma porção da realidade e um determinado momento significativo. De tal

modo, os significados de um conto não podem ser os mesmos de um romance ou novela, porquanto a realidade aprisionada num conto difere, em quantidade e qualidade das duas outras formas.

Igualmente, induzem-se princípios gerais, deduzindo normas de procedimento e põem-nas em práticas adequadas as emoções, aos sentimentos e conceitos. Numa acepção restrita do termo gênero e do conteúdo há dois gêneros: poesia e prosa. Sendo que os contos possuem moldes formais e estruturais adotados pelas espécies, segundo um critério natural de adequação entre a linguagem e o conteúdo, entre significante e significado, lançando mão de diferentes formas técnicas da expressão literária.

A distinção entre poesia e prosa torna-se ínfima em virtude do próprio caráter subjetivo da arte. Assim, a contemplação da obra de arte prescinde de sua classificação. Em detrimento a emoção estética e conhecimento ativo, apropriador e profundo dos textos no que diz respeito à classificação quanto ao gênero, à espécie e à forma é bem mais relevante, uma vez que cada texto possui leis próprias. Desse modo, prosa e poesia são formas tecnicamente diferenciadas de expressão literária.

Todavia, ambos são expressões dos conteúdos da ficção, da imaginação e da subjetividade humana. Poesia é a expressão metafórica do eu, cujo resultado, o poema, pode ser em verso ou em prosa. Entretanto, a prosa é a expressão do não-eu, do objeto, buscando seus núcleos de interesse na realidade exterior, que assim passa a gozar da autonomia em relação ao sujeito e ser objeto de interesse e passível de desvendar a realidade exterior.

Em consequência da objetividade, a prosa admite o influxo da razão ordenadora e equilibradora da sensibilidade e visão de mundo, uma vez que a

linguagem da prosa narra, descreve ou fixa os aspectos visíveis e históricos da realidade. Esse caráter dá uma visibilidade à linguagem da prosa, na utilização importante de estruturas sintáticas, assim como na observação e organização dos fatos dos elementos colhidos na transfiguração e imaginação do mundo.

Enfim, a linguagem adquire logicidade e ritmo próprio na ordem lógica do pensamento em unidades sintáticas racionalmente encadeadas de modo contínuo, numa visão objetiva da realidade. Assim sendo observou-se aspectos intrínsecos da prosa e da poesia, assim como uso da linguagem própria do prosador ou poeta.

Concebendo os gêneros primários, se compreende aqueles que surgiram em situações de comunicação verbal espontânea, em contrapartida por gêneros secundários, que são aqueles resultantes da transmutação dos gêneros primários em virtude do surgimento de situações comunicativas relativamente mais complexas, que geralmente estão relacionadas à escrita. Constata-se, assim, que os critérios para definição dos gêneros textuais não se limitam àqueles de ordem linguística e estrutural, ao contrário, estão intrinsecamente relacionados aos aspectos sócio-históricos e culturais das esferas de atividades humanas que lhes dão origem. Nesta perspectiva, os gêneros são produzidos de determinada forma, função, composição, conteúdo e estilo.

1.4 LINGUÍSTICA E REVISÃO DE TEXTOS

No bojo da importância da linguística para a revisão, faz-se necessário assinalar que revisar um texto implica uma abordagem sistemática

e processual do texto em favor da comunicabilidade. A revisão de texto implica intervenções, alterações e reconsiderações, incluindo comentários, opiniões, críticas e reconstrução do texto. Nesse prisma, na revisão de texto, o revisor deve estar sempre atento a todos os acidentes fonéticos provenientes do texto, verificando nele a possibilidade de oralização e as sonoridades de rimas e outros fenômenos fonético-fonológicos.

Além disso, devem-se considerar os processos morfológicos de formação das palavras, atentando para as flexões e suas exceções, observando as derivações, neologismos ou empregos de palavras. Também deve analisar a sintaxe, no que diz respeito à articulação das palavras para formar frases gramaticais, verificando a harmonia, coerência e concordância. Além do mais, o revisor de textos deve conhecer e observar o sentido próprio dos termos, dos enunciados, significados e significância das frases e das palavras que integram a semântica.

Dessa forma, no processo de revisão aparecem correções ortográficas, lexicais, sintáticas, na intervenção com relação às ideias e aos conteúdos do texto. Deve-se verificar a palavra, objeto de trabalho do revisor por excelência, na sua constituição, histórico, significados, emprego, sendo que cabe ao revisor dominar o léxico e seu arcabouço e todas as formas de registro da língua. Ainda tem que avaliar o uso e estudo de termos, especificando as palavras que são geralmente usadas em contextos específicos da atividade humana, por meio de pesquisa e análise dos termos em contexto, com a finalidade de documentar e promover seu uso correto.

Caberá ao revisor conhecer os tropos, identificá-los e julgar sua pertinência, observando os recursos linguísticos, a determinação do registro, a

situação do texto, sua finalidade, efetuando adequações de campo, conteúdo e modo correspondentes à estrutura semiótica-estilística do texto. Vale sublinhar que deverá também averiguar os aspectos comunicacionais do texto, ressaltando como o texto é produzido para ser veículo de informações, dados, reflexões e atividade fim do texto.

A tarefa da revisão vê desde aspectos de digitação, diagramação, ortografia, sintaxe, conteúdo e método. A crítica textual nos ensina sobre o processo de produção dos textos e sobre o modo de tratá-los para serem analisados, isto é, nos ajudam a olhar o processo de revisão em perspectiva histórica e sociolinguística, realizando um conjunto de intervenções corretivas, mas também processo de repensar a linguagem. Precisam-se examinar também as estruturas que nos permitem a decodificação e entender expressões, palavras, orações e textos por meio dos processos psicolinguísticos.

Sob essa égide constata-se que atividade da escrita redacional ou de produção de textos envolve diferentes aspectos cognitivos nas fases de elaboração, no planejamento, na preparação e revisão. Nesse bojo, planejar, textualizar e reescrever são processos nos quais as pessoas pensam o que vão escrever, transformando em palavras ajustadas e adequadas aos contextos comunicacionais. No processo de revisão de texto requerem-se interferências e avaliações sistemáticas do texto, de forma planejada e processual, no que tange a ortografia, sintaxe, coesão, coerência, estilo e manutenção dos objetivos, de consistência da expressão gramatical, de categoria e de sequência no estilo, bem como no processo de produção, preparação e assimilação do objeto cultural.

Um aspecto importante na revisão de textos deve estar focado na manutenção, recuperação ou estabelecimento de coesão e coerência textual. Enfim, a qualidade comunicacional do texto se amplia à medida que ele incorpora elementos de coesão segundo a estrutura, a adequação dos elementos de conexão, sequenciamento e reativação. Diante disso, a coesão possibilita a ligação entre as partes do texto, propiciando pelos elementos de sequenciamento frasal ou pelos de ativação proximal a ligação dos elementos da micro e macroestrutura textual. Outro aspecto é a coerência e a construção do sentido do texto. Por isso, cabe ao revisor mediar os aspectos estruturais e funcionais, visando à comunicabilidade do texto na elaboração do discurso, na escolha dos conteúdos, na disposição, na organização e na elocução.

Analisando a inter-relação entre linguística aplicada e a atividade de revisão, o linguista Moita Lopes (2006, p.90 apud OLIVEIRA, 2010, p. 16) propõe que “o revisor de texto deve situar seu trabalho no mundo”. Desse modo, é necessário ao revisor um conjunto de conhecimento que leve em conta as vozes de cada um daqueles que vivenciam as práticas sociais em questões de usos languageiros, sem, no entanto, perder de vista a dimensão social, múltipla e dinâmica da linguagem. Sob esta perspectiva, a linguística aplicada tem como objeto de estudo definido usos da linguagem, assim como a revisão.

Partindo de uma visão tradicional, a revisão é considerada como uma atividade subsequente à produção escrita, conseqüentemente torna-se uma etapa da reescritura, na qual focalizam os aspectos estruturais do texto. Entretanto, conforme Gehrke (1993, p. 121 apud OLIVEIRA, 2010 p.18) o

processo de revisão textual é uma atividade recursiva, a qual pode ocorrer em qualquer etapa.

De acordo com Oliveira (2010, p. 18) “essa abordagem reforça a ideia de que a revisão consiste em uma atividade de rever e retrabalhar um texto, diferentemente da ideia da linearidade, na qual cada etapa sucede a outra predeterminada”. Corroborando essa concepção de revisão como atividade recursiva, Flower e Hayes (1981 Apud OLIVEIRA, 2010, p.18), afirmam que “a revisão é constituída por dois subprocessos: a leitura e a editoração, podendo a revisão interromper o processo de escritura em qualquer ponto”. Posteriormente, Hayes propõe três subprocessos centrais na atividade de revisão, a definição da tarefa, a avaliação e a estratégia de seleção que são influenciados pelos conhecimentos do revisor acerca dos objetivos, critérios e restrições para os textos.

De acordo com Oliveira (2010, p.18), no que diz respeito à definição da tarefa a ser executada, “o revisor deve especificar os objetivos, bem como vai proceder a tarefa de revisar”. Sendo que na avaliação, o revisor irá aplicar os objetivos e critérios determinados na definição da tarefa, assim como na seleção de estratégias para solução dos problemas. A partir dos postulados dos autores, o processo de revisão de textos requer habilidades na leitura para avaliar/ revisar para definir, detectar e diagnosticar eventuais problemas do texto e procurar dar-lhes soluções.

Segundo Dahlet (1994 apud OLIVEIRA, 2010, p. 19) “a revisão de texto é subsequente dentro da produção escrita à planificação e à textualização”. Assim sendo, no processo das operações de revisão há um retorno crítico ao texto, com a finalidade de detectar possíveis incorreções ou

violações da norma e diagnosticados os fatores geradores de incompreensão, também ocorre operações de adequação definitiva para sanar as falhas encontradas.

Na visão de Serafini (1992 apud OLIVEIRA, 2010, p.20) a revisão de textos possui

Duas modalidades: a de conteúdo e a de forma. A primeira requer uma compreensão ampla do texto visando à sua clareza, coerência e coesão, sendo a segunda, local, mecânica, técnica, mediante a ampliação de regras em determinados trechos, cortando e simplificando frases longas ou retorcidas, suprimindo palavras supérfluas, apagamento, substituição, deslocamento, em função de critérios de legitimidade e eficácia comunicativa.

No que concerne à noção de estratégias do revisor, Bartlett (1982 apud OLIVEIRA, 2010, p.21) identifica três etapas na revisão,

“primeiramente a detecção do problema, posteriormente a identificação do problema e a correção propriamente dita do texto, exigindo conhecimentos das questões sintáticas, semânticas e estilísticas no rearranjo dos elementos do texto”.

Ainda nesse viés, Scardamalia e Bereiter (1983 apud OLIVEIRA, 2010, p.21) também distinguem três etapas no processo de revisão, sendo que

“a primeira consiste na comparação entre a intenção, ou seja, o plano inicial da escrita, e o produto ou execução; a segunda, na diagnose ou identificação dos problemas e determinação das trocas necessárias, bem como das alternativas de como fazê-las; a terceira, a operação propriamente dita de mudanças no texto”.

Vislumbrando, cabe ao revisor ir muito além da correção de erros gramaticais, na análise do discurso, da intenção do autor, na revisão de originais ou copidesque, em relação à normalização ortográfica, gramatical, literária, técnicas editoriais e marcações. Nesse prisma, Faria Guilherme (1967 apud OLIVEIRA, 2010) aponta num manual de revisão os tipos, etapas e técnicas de revisão, as condições materiais e as atribuições do revisor.

De tal modo, Guilherme caracteriza a atividade de revisão

Descrevendo desde os tipos, etapas e técnicas de revisão, as condições materiais, as atribuições e o posicionamento do revisor, até as particularidades ortográficas com base nas

determinações da Academia Brasileira de Letras. Com isso, ele enfatiza a importância do trabalho do revisor em qualquer publicação, na apresentação gráfica e segura revisão, elementos que fornecerão o indispensável colorido ao conteúdo da produção e segurança do estilo do autor. Guilherme (1967 apud OLIVEIRA, 2010)

Portanto, Guilherme (1967 apud OLIVEIRA, 2010, p.22) ressalta a necessidade de o revisor ter uma cultura ampla e não se ater somente à correção de problemas de ortografia e tipografia, podendo assim legitimar a importância de seu trabalho. Para Malta (2000, p.11-18 apud OLIVEIRA, 2010, p. 64) o ofício de revisar exige do profissional minúcia e muito mais do que um conhecimento sólido da língua, uma boa cultura geral e atenção, necessitando o profissional dominar as regras linguísticas.

Em consonância com Malta sobre a cultura geral do profissional só poderá ser alcançada

Com curiosidade, atenção, práticas de leitura as mais variadas, que podem ajudar o revisor a adquirir os conhecimentos necessários para desenvolver com sucesso seu trabalho. Assim o domínio da técnica da revisão é tão importante para o revisor quanto o domínio da gramática, da ortografia, quanto à boa bagagem de cultura geral. (MALTA, 2000, p. 91 apud OLIVEIRA, 2010, p. 66).

No que diz respeito à relação entre revisor-autor vale assinalar a importância da fidelidade do revisor ao autor e ao seu texto original. Nesse sentido, Guilherme ressalta

Em tese, ninguém discute o princípio de que o revisor deve ater-se ao original, convém ao corretor colocar-se na posição do autor para mais bem sentir as suas dificuldades, intenções e limitações. As alterações não podem ultrapassar os limites do estritamente necessário. (GUILHERME, 1967, p. 40-41 apud OLIVEIRA, 2010, p. 67).

Já para Malta nessa relação autor- revisor

O bom senso e o profissionalismo exigem que o revisor/copidesque seja fiel ao conteúdo do original. Este é um dos problemas do revisor: ele tem de se limitar à sua função. Tem de contribuir com seus conhecimentos, sua cultura geral

ou especializada. (MALTA, 2000, p.17 apud OLIVEIRA, 2010, p. 69).

Ainda vale destacar que apesar de pregar uma postura de respeito do revisor aos autores, Guilherme (1967, p.44 apud OLIVEIRA, 2010, p.68) não deixa de criticar o tratamento dado por eles ao revisor, a desvantagem financeira da profissão. Em relação às desvantagens, Malta (2000, p. 82-83 apud OLIVEIRA, 2010, p.68) avalia que o ganho do revisor dependerá de sua capacidade, produtividade e versatilidade, sendo que o trabalho não pode ser compensador se for desempenhado esporadicamente. Dessa forma, é necessário ao revisor ter formação superior e de conhecer as novas tecnologias.

Oliveira sublinha que

o revisor exerce o papel das gramáticas normativas, qual seja, dar orientações, e prescrever normas e dicas sobre a revisão, o que os configura como autoridades sobre a temática, isto é, vozes sociais que hierarquizam valores e modos de interpretação, refletindo e defendendo determinadas finalidades comprometidas com interesses específicos, como propor uma determinada forma e função generalizante à tarefa de revisar e dar acabamento ao texto. (OLIVEIRA, 2010, p. 71-72)

A partir dos fatos sobre os conhecimentos que o profissional precisa ter para desempenhar bem a atividade de revisor são necessário diversas habilidades linguísticas, técnicas e profissionais. Destarte, para tratar sobre a atividade de revisão de textos Oliveira (2010, p. 72-103) destacou a opinião de três profissionais atuantes na área na prática do trabalho de revisão de gêneros discursivos ou mais gêneros por meio de entrevistas sobre a atividade laboral, citando as concepções e pensamentos epistemológicos da tarefa de revisar.

Assim, a entrevistada Lígia ressalta que o próprio exercício da revisão aguça o olhar do revisor. Cabe então ao revisor alargar seu horizonte de percepção linguístico-textual-discursiva e o instrumentaliza a lidar com as

diferentes dimensões do texto (formal, textual, discursiva, pragmática), não se restringindo a simples correção linguística (ortografia, pontuação, concordâncias, regências), pois esse não é o fim a que um revisor deve chegar.

Portanto, na visão de Lígia, o aspecto discursivo é bem mais importante, porque é ele que dará sustentabilidade à escrita, sendo assim necessário o gerenciamento de vozes que o autor opera, a condução dada à escrita, a adequação da linguagem ao gênero e aos interlocutores do texto, reconhecendo a necessidade do domínio linguístico por parte do revisor.

Para a autora, a relação e interação são fundamentais, uma vez que os sentidos de um texto não estão dentro dele, mas são construídos na relação do leitor com o texto a revisar, cabendo ao revisor analisar se aquilo que o autor quis expressar está coerente com o que foi escrito. Enfim, a interação é primordial nas relações humanas em situações sociais, com a troca de ideias e experiências. Sendo que o revisor deve lançar mão das novas tecnologias, na análise da dimensão formal de um texto.

Já para o entrevistado Fernando, o profissional de revisão tem de ser uma pessoa com boa experiência de leitura e curiosidade para questões da linguagem, tanto no que tange aos aspectos linguísticos, quantos aos discursivos. Dessa forma, assinala-se que a importância dos aspectos linguísticos se dá devido à sua riqueza e diversidade e por serem indispensáveis para a produção textual, pois definem o estilo, a forma de um autor, revelando o nível de seu desempenho linguístico, sua criatividade, bem como a capacidade de jogar com o instrumental que o vernáculo lhe oferece.

Sendo que os aspectos discursivos mostram de que modo um autor realiza seus objetivos textuais, as ideias que defendem, a capacidade de sondar os grandes problemas humanos, sociais, existenciais e psicológicos. Assim, tanto o conteúdo quanto a forma de um texto são fundamentais, sobretudo quando se trata do fazer literário. Para o autor, o trabalho do revisor precisa ser mais bem valorizado não só em termos sociais, mas principalmente econômicos.

Partindo da análise do processo de interação entre autor-revisor, ocorre uma interlocução, uma vez que ambos trocam conhecimentos e pontos de vista, enquanto o revisor intervém em aspectos relacionados com a linguagem, o autor intercede para melhor explicar seus posicionamentos, os sentidos que possam emergir de seus enunciados no texto. Destarte, estabelece-se uma relação dialética, numa interação, onde tanto o revisor como o autor ganham em termos de experiência e de enriquecimento profissional.

Por fim, na visão do último entrevistado, Aurélio, é necessário que o profissional de revisão detenha conhecimento em várias áreas, uma vez que se defronta com textos sobre os mais variados assuntos, tendo segurança e domínio linguístico. Já que o autor tem uma concepção tradicional de revisão, seguindo a norma culta e preso às normas gramaticais e que deixa de lado as peculiaridades de cada texto, com seus diversos temas e formatos. Sendo que a relação autor-revisor deve ser de consenso, sintonia, para que o trabalho tenha o êxito desejado, a interação deve ocorrer no mais alto nível de concordância.

Tomando por base os pontos de vista de cada revisor acerca dos conhecimentos necessários para as atividades todos afirmaram a necessidade de experiência e vasto conhecimento linguístico e cultural para o alargamento do olhar do revisor, para uma percepção linguístico-textual-discursivo e para as diferentes dimensões do texto no domínio das normas gramaticais e estrutura da língua.

Sob a égide dos diferentes pontos de vista sobre a linguagem, tanto o aspecto de ordem discursiva quanto os de ordem linguística são importantes. Cabe ao revisor subsidiar seu trabalho em uma concepção mais ampla de linguagem, o que lhe dará acesso às relações de sentido que permeiam o texto em processo de revisão, procedimento que implica analisar o modo como o autor organiza as ideias que defende, a relação com determinado objeto. No que tange as mudanças por que passa a língua, procurando compreender a vivacidade, a mutabilidade e a evolução linguísticas, o que reafirma a importância de o trabalho de revisão se respaldar em uma concepção mais ampla de linguagem.

Tendo em vista o reconhecimento do dinamismo próprio à linguagem leva os revisores atentarem para a diversidade de gêneros do discurso que circulam nas diferentes esferas da atividade humana, os quais, apesar de se constituírem por determinados conteúdo temático, construção composicional e estilo, podem ser relativamente estáveis e, portanto, flexíveis, justamente devido às condições sócio-históricas em que são produzidos. Enfim, o revisor poderá entender a criatividade dos autores e respeitar seus posicionamentos materializados na forma como escrevem o conteúdo. Então, a partir da

interação socioverbal entre autor-revisor no processo de discussão do texto é a maneira mais eficaz para solucionar os problemas linguístico-discursivos.

Assim sendo, cabe ao revisor demonstrar conhecimento e segurança, quando da discussão do texto, para que o autor deposite confiança em seu trabalho e aceite suas sugestões, as quais devem ir além da correção de problemas ortográficos, além de um trabalho que o computador pode fazer. Portanto, nessa relação dialógica, a interação autor-revisor implica relação de poder, embate de pontos de vista, troca de conhecimentos.

De acordo com Públio Athayde a revisão de textos define-se como

Conjunto de interferências não autorais no texto visando sua melhoria. Trata-se da reconsideração alheia a um texto original. As mudanças introduzidas desta consideração podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por supressões, inclusões, inversões ou deslocamentos. (ATHAYDE, 2011, p.11).

Tendo em vista que a revisão textual se processa em várias fases, a revisão primária (checking ou copidesque) é o burilamento do texto ou preparação por um redator na ordenação em parágrafos, capítulos, de forma a ganhar formato final na organização dos aspectos ortográficos e sintáticos. Já na revisão secundária analisam-se expressões verbais, linguagem coloquial, inteligibilidade textual, sintaxe e explanação das ideias, sendo que na revisão de provas são enfocadas aspectos da diagramação, do idioma relacionados, por fim a revisão final (final verification) é a leitura antes da entrega do texto para publicação.

De tal modo caberá ao revisor verificar junto com o editor da matéria, orientador ou coautores, no momento da edição, elaboração, revisão e editoração observar erros de ortografia, equívocos, lapsos, verificando se o sentido, as intenções, as ideias e os desejos do autor foram alcançados e

foram corretamente interpretadas, por meio de sucessivas fases de análise. Segundo Athayde (2011, p.14), “o revisor é o profissional encarregado de revisar o material escrito com o intuito de conferir-lhe correção, clareza, concisão e harmonia, agregando valor estético e linguístico”. Igualmente, é função básica do revisor profissional ler o texto, procurando incorreções da língua e linguagem, erros sintáticos, ortográficos e de pontuação, adequando melhor os recursos linguísticos.

Assim, a revisão deve acontecer levando em consideração a microestrutura e a macroestrutura, analisando desde a sintaxe, ortografia, até a coerência. Desse modo, conforme a revisão, o revisor deverá analisar criticamente um texto escrito, não só do ponto de vista ortográfico e gramatical, mas também com o objetivo de apontar sugestões para aprimorar a estrutura e conteúdo formal. Portanto, a boa revisão, seja ela literária, linguística ou técnica agrega valores ao texto tais como concisão, coerência e inteligibilidade.

Nesse viés, para se fazer uma boa revisão é necessário consultar dicionários, gramáticas e ferramentas tecnológicas, bem como ter o conhecimento da diversidade dos gêneros textuais, sabendo respeitar as características estilísticas. Portanto, pode-se afirmar que o revisor de textos deve dominar as regras gramaticais da língua padrão do texto, também da coerência discursiva e diversos elementos linguísticos sintáticos, semânticos, discursivos, morfológicos, fonéticos, estilísticos que determinam a qualidade do produto.

Na visão de Athayde Públio, a revisão de textos requer

Alteridade, no sentido de que é algo que só pode ser obtido por outra pessoa, alguém que não tenha tido nenhum contato com o texto em fases anteriores de sua produção. Revisão requer ainda abordagem técnica, com base em conhecimento linguístico que raramente é de domínio do autor. Por fim,

revisão requer prática; é um tipo de atividade, que vai se inserindo, no próprio modo de ser e de pensar de quem a exerce. (ATHAYDE, 2011, p.21)

Considerando a revisão de textos implica uma nova leitura minuciosa, um novo exame e novas reconsiderações não autorais de um texto original, incluindo abordagem sistemática, processual, também a revisão ortográfica, gramatical, de elementos linguísticos do texto. Em consonância Athayde salienta que

O texto é uma unidade complexa, um conjunto de informações ordenadas e estruturadas em diversos códigos, dos quais a ortografia e a gramática são integrantes, mas há muitos outros aspectos a serem considerados: o estilo, a coesão, a coerência, o registro são outros aspectos a serem considerados na revisão para adequação do texto. Tendo em vista a função comunicacional do texto, seu aperfeiçoamento deve ser visto como um suporte de um conjunto de informações ordenado e hierarquizado da melhor forma possível para que a mensagem alcance o leitor com a maior clareza possível. (ATHAYDE, 2011, p. 26)

Sob esta ótica o revisor deve considerar a relação texto-contexto, possuindo uma erudição necessária, conjugada com um conhecimento linguístico imprescindível, aprimorando gramática, ortografia, sintaxe, semântica, estilística e uma competência retórica. Enfim, o revisor de textos deve aperfeiçoar, melhorar, enriquecer o texto em sua função comunicacional, realizando as alterações intervenientes para impressão, defesa e veiculação do texto.

Assim sendo, o revisor deve utilizar diferentes estratégias para a revisão, submetendo o texto aos constantes feedbacks, usos de instrumentos adequados e projetos colaborativos entre autor e revisor. Portanto, no processo de revisão de texto, a realimentação ocasionará impactos qualitativos na obra, uma vez que ocorreu um intenso processo de discussão e análise. Também produzirá efeitos positivos a utilização de diferentes instrumentos, inclusive os

recursos eletrônicos de editoração e correção, bem como listas de verificação de erros comuns (checklist).

Haja vista, o produto final, o texto escrito, depois de revisado alcançará as necessidades, exigências e especificidades do público leitor, visto que incorporou suas características pela intencionalidade e objetivos do autor. Enfim, a visão externa propicia a alteridade dos construtos do processo da tessitura textual com o propósito de reescrever para tornar um texto mais legível, com o cuidado de se manter fiel ao original.

Para Koch (2003, p.2) a Linguística Textual deve priorizar um estudo específico do texto, analisando todas as ações linguísticas, cognitivas e sociais envolvidas em sua organização, produção, compreensão e funcionamento do objeto de estudo, texto, no seio social, uma vez que ela possibilita a compreensão de determinadas escolhas, bem como os modos de seleção e organização dos elementos na construção de sentido, refletindo ainda sobre a adequação dos textos e diferentes gêneros textuais a cada situação de interação verbal.

Inicialmente a Linguística Textual tinha como principal preocupação a descrição dos fenômenos sintático-semânticos. Por conseguinte teve um interesse em analisar a constituição do texto, numa análise estrutural em dada língua por meio de gramáticas. De acordo com Marcuschi (1983, p.12-13) “a Linguística Textual é o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”, sendo que seus postulados abrangem a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, assim como a coerência no nível semântico, cognitivo e o sistema de pressuposições e

implicações ao nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções.

Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas, considerando a organização, níveis de sentido e intenções que realizam a coerência na manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto.

A textualidade é o que legitima e caracteriza o texto, sendo que a coerência e a coesão são fundamentais para a sua estruturação. Dessa forma, a coesão estabelece relações de sentido que constituem o “tecido do texto”, os elos que unem e dão sequências aos termos semânticos que o compõem, lançando mão do uso de termos anafóricos recorrentes na estrutura textual. De acordo com Koch (1994, p.14), texto é: “a unidade básica de manifestação da linguagem, sendo fundamental para a sua estruturação”. Em menção, a linguística textual é a ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, sendo que o texto precisa ser percebido como um conjunto global, lógico, uma unidade de significado, que liga as ideias de um texto, por meio de conectores ou elos coesivos.

1.5 ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE: COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAL

Analisando os elementos constitutivos da coerência textual dentro do conto, é mister evidenciar que há sequências linguísticas, bem como diversos fatores nas relações sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas na

unidade textual que constituem as relações de sentido estabelecidas na escrita machadiana, construindo a textura e textualidade da sequência linguística.

De acordo com Koch, a coerência faz

Com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência, por meio de vários fatores, que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos,), permitindo construí-la e percebê-la, na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto, é a coerência que dá textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto. (KOCH, 2002, p.40)

Conforme Koch (2002, p.46) “a coesão é apenas um dos fatores da coerência”. Na visão de Beaugrande e Dressler “coerência é definida em função da continuidade de sentidos”. Para Bernádez (1982) um texto é coerente quando tem uma intenção comunicativa, aplicabilidade, coesão, cumprindo sua função por meio de estruturas superficiais que garantem a constituição e identificação da intenção comunicativa.

Partindo do pressuposto que coerência é um processo que coloca texto e usuário em relação numa situação, o produtor de texto tem uma situação comunicativa e conhecimento linguístico, constituindo o texto, cuja superfície linguística permite ao receptor estabelecer a coerência. Nesse prisma, a coerência depende da possibilidade de estabelecer um sentido, isto é, interpretabilidade para uma sequência linguística.

Por conseguinte, diferentes tipos de textos apresentam diversificados meios, modos e processos de manifestação da coerência na superfície linguística, que vão desde a seleção de elementos linguísticos ou de coesão nas estruturas textuais. Destarte, o conto possui características próprias na superestrutura no estabelecimento da coerência, haja vista que nesses textos narrativos é comum a utilização de determinados recursos

linguísticos de ordenação temporal, que fazem a coesão sequencial por progressão por meio de encadeamentos, sobretudo por conexão.

Portanto, há diferentes tipos de mecanismos de coesão-coerência por progressão por meio de manutenção temática, sequenciação por recorrência, por substituição, por referência ou reiteração, coesão sequencial por conexão, coesão sequencial por progressão de mesmos campos lexicais, coesão sequencial por recorrência de determinados recursos de termos e estruturas fonológicas, sintáticas, morfológicas, coesão referencial por substituição, utilização de pronomes, reiteração e recursos espaciais.

No que tange a coesão referencial por substituição e a sequencial por encadeamento por meio da conexão tem uma presença e uma importância fundamental na análise das marcas de relação entre as unidades de composição textual, que resulta dos diferentes meios existentes para exprimir a continuidade ou sequência do discurso. Enfim, a ordem como são apresentados os elementos linguísticos, bem como se inter-relacionam para veicular sentidos em reiteração, substituição, famílias de significado vão ajudar na construção da coerência da tessitura textual.

Na visão de Beaugrande e Dressler (1981) os principais critérios ou padrões de textualidade e do processamento cognitivo do texto são a coesão e a coerência centradas no texto e a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade centradas nos usuários. Ainda segundo os autores Beaugrande e Dressler (1981, p.30): “o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa”.

Dessa forma, a coesão textual refere-se à microestrutura de um texto, uma vez que ela é realizada pelas relações semânticas e pelas relações gramaticais. Já a coerência depende de diversos aspectos para construção de sentido do texto, tais como: inteligibilidade, interpretabilidade, relevância, intencionalidade, consistência temática, aceitabilidade, informatividade e compartilhamento de conhecimentos na relação emissor e receptor.

A importância da utilização eficaz de mecanismos de coesão e coerência textual irão garantir a textualidade e ser objeto de investigação da revisão de textos. Assim, é fundamental compreender que o sentido do texto deve ser obtido do todo, pois a coerência é global e só há uma unidade de sentido no todo do texto se este for coerente. Em consonância, Koch (2004, p.26) mostra que a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões em qualquer trama textual. Assim, a coerência textual é o resultado da articulação das ideias de um texto; diz respeito à estruturação lógico-semântica, que faz com que, numa situação verbal, palavras e frases organizadas tenham sentido e significação.

Segundo Koch (2002, p.14), a coesão textual é importante para se estabelecer a coerência, pois revela a importância do conhecimento dos elementos da língua, seus usos, no processo de percepção do sentido. Assim sendo, a coesão textual diz respeito às articulações gramaticais existentes entre as palavras, frases, orações, parágrafos e partes maiores de um texto que garantem sua conexão sequencial, colaborando para o seu entendimento.

Diante disso, a coerência e a coesão contribuem para conferir textualidade aos enunciados. A primeira se manifesta, em grande parte, no nível macrotextual. Coerência é, pois, o resultado da possibilidade de se

estabelecer alguma forma de unidade ou relação de sentido(s) entre os elementos do texto, como um todo. Assim, podemos afirmar que a coerência é global. Há diversos tipos de coerência para construção de sentido global: sintática, semântica, estilística, temática, pragmática, genérica.

Por fim, a coesão é local, manifestando-se no nível microtextual, ela se refere ao modo como os vocábulos se ligam dentro de uma sequência. Portanto, a coesão é a ligação entre os elementos superficiais do texto, também o modo como se relacionam e se combinam para estabelecer relações de sentido, por meio de concatenações e interpretação de algum elemento no discurso explícito, remissivo, inferível e revelado por meio de marcas linguísticas.

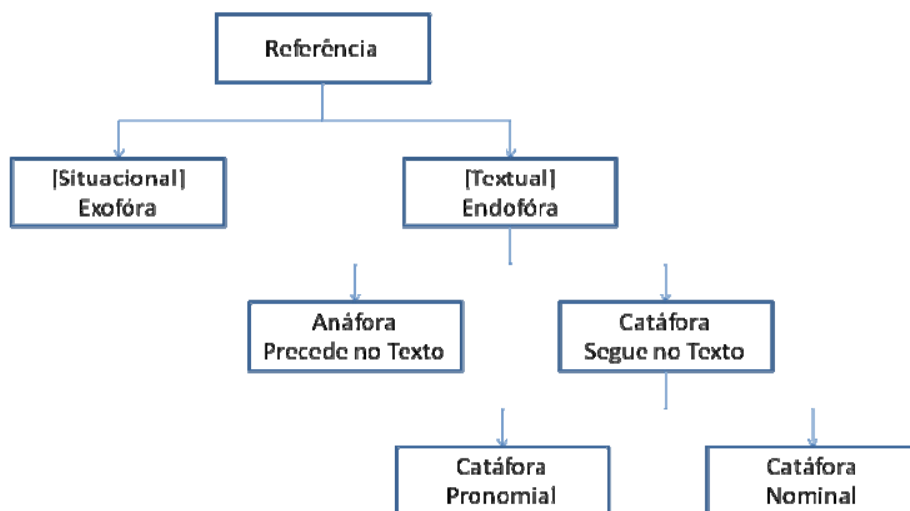
A coesão textual são os mecanismos linguísticos que estabelecem no texto uma continuidade de sentido entre diversos elementos da estrutura textual, sendo primordiais para concatenação das ideias por meio de conectivos e elos coesivos que garantem a textualidade. Uma vez que esses mecanismos compreendem, na linearidade do texto, processos léxico-gramaticais que são fundamentais para a compreensão de sentidos, realizados por referenciação, sequenciação, conexão, substituição e progressão interligadas por meio de conectivos, para que as ideias estejam encadeadas, conexas, na utilização de diversos recursos coesivos que garantam a progressão textual.

Assim sendo, a coesão textual é definida por Koch como sendo:

Forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um 'tecido' (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente. (KOCH, 1999, p. 35)

De acordo com Koch (apud Halliday e Hasan, 2005, p.19), a referência pode ser dividida também em referência pessoal, feita por meio de pronomes pessoais e possessivos; referência demonstrativa, realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar; e referência comparativa efetuada por via indireta por meio de identidades e similaridades. Então, a coesão referencial pode ser melhor entendida por meio do esquema apresentado na Figura 1 baseada em Koch (2005, p.19).

Figura 1- **Coesão referencial**



Fonte: Koch (2005, p.19)

Por isso, a coesão textual exige a presença de conectores para assegurar que a consolidação semântica do texto, criada, estabelecida e sinalizada por laços e elos coesivos, que deixam ligados os segmentos na promoção da continuidade do texto por meio de estruturas linguísticas,

sintáticas e gramatical, garantindo a progressão do texto, a sequenciação e referenciação na superfície textual.

Em consonância com Halliday e Hasan (2006 apud Koch, 2005, p.19) a coesão textual estabelece relações de sentido existentes no interior do texto na interpretação de algum elemento no discurso dependente de outro dentro do sistema léxico-gramatical. Dessa forma, a coesão é definida como um conjunto de estratégias de sequências que são responsáveis pelas ligações linguísticas relevantes entre os elementos articulados no texto.

Segundo Halliday e Hasan (2006) os mecanismos de coesão textual estabelecem-se por itens lexicais e gramaticais por referência e remissão situacional (exofórica) e textual (endofórica), substituição, elipse, conjunção e coesão lexical, realizada por mecanismos como a reiteração que a coesão obtida por meio da repetição da mesma palavra por meio de sinônimos, hiperônimos e nomes genéricos, a colocação e uso de termos do mesmo campo significativo.

Por conseguinte, o processo de coesão referencial, dependendo das relações que estabelece, pode ser denominado endofórica ou exofórica, sendo que a referência endofórica é a relação coesiva em que o referente se encontra no interior do texto, enquanto que a exofórica é a relação que se estabelece entre o texto e os elementos externos a ele, recuperáveis por meio do contexto da situação.

Por isso, a coesão textual estabelece no tecido textual o entrelaçamento e organização entre os enunciados por elementos coesivos, uma vez que a coesão por endófora ocorre quando o emprego de pronomes e

expressões que se referem a elementos nominais presentes na superfície textual e exófora quando faz remissão a um elemento fora dos limites do texto.

Levando em consideração, a referência endofórica pode ser dividida em anafórica e catafórica. Sob essa ótica a anáfora ocorre quando o referente precede a forma referencial e a catáfora quando o referente sucede a forma referencial. Enfim, esses mecanismos e procedimentos de referenciação endofórica representam eficazes recursos de unidade e de sequenciamento semântico-sintático.

De acordo Koch e Elias (2006, p.186) a construção da coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem semântica cognitiva, pragmática e interacional. Nesse sentido, a coerência se dá por meio da interação verbal, que é a propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma peça comunicativa, como um meio de interação verbal, dependendo da interpretabilidade do discurso na construção de sentido e significação textual.

Dessa maneira, existem diversos tipos de coerência ligadas aos planos sintático, semântico, temático, estilístico e pragmático. Segundo Koch e Elias (2006, p.203) a coerência estilística é determinada pela situação que se encontra o produtor do texto na utilização da variedade da língua adequada, em termos de léxico, estruturas sintáticas. No que tange a coerência sintática está relacionada ao

conhecimento linguístico dos usuários, isto é, diz respeito ao uso adequado das estruturas linguísticas (em termos de ordem dos elementos, relação lexical etc.), bem como dos recursos coesivos que facilitam a construção da coerência sintática, como pronomes, sintagmas nominais referenciais definidos e indefinidos, conectores etc.(KOCH; ELIAS, 2006, p.195).

No que diz respeito à coerência semântica Koch e Elias (2006, p.196) referem-se às relações de sentido entre as estruturas-palavras ou expressões presentes no texto. Já a coerência temática estrutura-se a partir de enunciados de um texto, sejam relevantes para o tema ou tópico discursivo em desenvolvimento. Para os autores, Koch e Elias, (2006, p.202) a coerência pragmática está relacionada aos atos de fala que o texto pretende realizar, sendo o texto uma sequência de atos de fala, tais atos devem estar relacionados e obedecer às condições para sua realização.

Na visão de Kock e Travaglia (1990 p.59) o estabelecimento da coerência se dá por diversos fatores e aspectos que garantem a textualidade tais como: elementos linguísticos, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intencionalidade e aceitabilidade, consistência e relevância e intertextualidade.

Segundo Koch e Travaglia, a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido aos usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto. (KOCH; TRAVAGLIA, 1990, p. 21)

Para Beaugrande e Dressler (1997, p. 36), a coesão consiste na conexão por meio de relações gramaticais dos componentes da superfície do texto, ou seja, “todos os procedimentos que servem para marcar relações entre os elementos superficiais de um texto se incluem no conceito de coesão”. A classificação dos autores leva em consideração basicamente a forma, em que

a coesão é vista como a manifestação de um plano mais profundo, que é a coerência.

Tendo em vista, a coesão textual refere-se à microestrutura de um texto, uma vez que ela é realizada pelas relações semânticas e pelas relações gramaticais. Já a coerência depende de diversos aspectos para construção de sentido do texto, tais como: inteligibilidade, interpretabilidade, relevância, intencionalidade, consistência temática, aceitabilidade, informatividade e compartilhamento de conhecimentos na relação emissor e receptor. Desse modo, Beaugrande e Dressler apontam quatro grupos de mecanismos coesivos.

Quadro 1 - Principais mecanismos coesivos

1. Mecanismos que têm o objetivo de marcar de maneira explícita a existência de relações internas entre elementos ou conteúdos. Esse grupo se subdivide em: a) repetição; b) repetição parcial; c) paralelismo; d) paráfrase.
2. Mecanismos coesivos que ajudam a economizar e simplificar a estrutura textual. Esse grupo se subdivide em: a) formas pronominais; b) elipse.
3. Mecanismos coesivos que ocorrem no interior dos acontecimentos e das situações que constituem o mundo textual. Esse grupo se subdivide em: a) tempo e aspecto verbal; b) conexão.
4. Mecanismo coesivo para textos falados: entonação.

Fonte: Beaugrande e Dressler (1997, p.37)

A importância da utilização eficaz de mecanismos de coesão e coerência textual irão garantir a textualidade e ser objeto de investigação da

revisão de textos. Assim, é fundamental compreender que o sentido do texto deve ser obtido do todo, pois a coerência é global e só há uma unidade de sentido no todo do texto se este for coerente.

Em consonância, Koch (2004, p.26) mostra que a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões em qualquer trama textual. Considerando, a coerência textual é o resultado da articulação das ideias de um texto; diz respeito à estruturação lógico-semântica, que faz com que, numa situação verbal, palavras e frases organizadas tenham sentido e significação.

Consequentemente, “a coerência não está no texto, mas deve ser construída a partir dele, levando em consideração os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido” (KOCH, 2009, p. 53). É por meio do conhecimento de mundo, do conhecimento socioculturalmente partilhado pelos participantes de uma situação comunicativa, de práticas sociais postas em ação no curso da interação, aliados àquelas pistas linguísticas da superfície textual, que interlocutores constroem sentidos.

Segundo Koch (2002, p. 14), a coesão textual é importante para se estabelecer a coerência, pois revela a importância do conhecimento dos elementos da língua, seus usos, no processo de percepção do sentido. Assim sendo, a coesão textual diz respeito às articulações gramaticais existentes entre as palavras, frases, orações, parágrafos e partes maiores de um texto que garantem sua conexão sequencial, colaborando para o seu entendimento.

Diante disso, a coerência e a coesão contribuem para conferir textualidade aos enunciados. A primeira se manifesta, em grande parte, no

nível macrotextual. Coerência é, pois, o resultado da possibilidade de se estabelecer alguma forma de unidade ou relação de sentido(s) entre os elementos do texto, como um todo. Assim, pode-se afirmar que a coerência é global. Há diversos tipos de coerência para construção de sentido global: sintática, semântica, estilística, temática, pragmática, genérica.

Por fim, a coesão é local, manifestando-se no nível microtextual, ela se refere ao modo como os vocábulos se ligam dentro de uma sequência. Portanto, a coesão é a ligação entre os elementos superficiais do texto, também o modo como se relacionam e se combinam para estabelecer relações de sentido, por meio de concatenações e interpretação de algum elemento no discurso explícito, remissivo, inferível e revelado por meio das marcas linguísticas.

Quanto ao léxico, Antunes (1996, p.73) ao analisar as relações lexicais, verifica que há três tipos de nexos semânticos promotores da organização do texto: o nexos por equivalência, o nexos por contiguidade e o nexos por associação semântica. Conforme Antunes, o nexos por equivalência instaura-se quando dois segmentos do texto atualizam a mesma referência mediante o emprego de grupos nominais, sendo que o referente é retomado ou substituído no desenvolvimento de um texto.

Sob esse prisma, a coesão textual, mediante a repetição de unidade lexical ou substituição por outra relacionada, requer a ciência de que, pela substituição, reitera-se o que se pretende conseguir na composição textual das circunstâncias em que se realiza a enunciação e da organização e indicação de um nexos ou léxico na organização da textualidade. Assim sendo, o léxico desempenha importante papel como componente da língua cujas propriedades

estruturais e funcionais se modificam para assegurar a coesão entre as ideias de um texto por reiteração ou substituição ou pelo processo de colocação de ideias pressupostas e relevantes. Haja vista, a coesão garante a continuidade e progressão temática do texto e o domínio da situação sociocomunicativa.

Com o objetivo de analisar os mecanismos de coesão responsáveis pela coerência textual vimos o papel do léxico na organização interna dos textos. Para FÁVERO, a coesão é uma característica que se manifesta micro textualmente e pode ser de três tipos:

Quadro 2 - Tipos de Coesão

Coesão referencial

- 1) **Substituição:** se dá quando um componente é retomado ou procedido por uma *pro – forma* (elemento gramatical representante de uma categoria). No caso de retomada tem-se uma anáfora e, no caso de uma sucessão, uma catáfora. As *pro-formas* podem ser pronominais, verbais, adverbiais, numerais, e exercem função de *pro-sintagma*, *pro-constituente* ou *pro-oração*.
- 2) **Reiteração:** (do latim *reiterare* = repetir) é a repetição de expressões do texto (os elementos repetidos têm a mesma referência), e se dão por repetição do mesmo item lexical, sinônimos, hiperônimos e hipônimos, expressões nominais definidas e por nomes genéricos.

Coesão recorrencial: se dá quando, apesar de haver retomada de estruturas, itens ou sentenças, o fluxo informacional caminha, progride; tem, então, por função levar adiante o discurso. Constituem casos de coesão recorrencial: recorrência de termos; paralelismo; paráfrase; recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais.

Coesão sequencial: os mecanismos de coesão sequencial *scriptu sensu* (porque toda coesão é, num certo sentido, sequencial) são os que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Diferem dos de recorrência, por não haver neles retomada de itens, sentenças ou estrutura. A Coesão sequencial engloba:

- a) sequenciação temporal;
- b) sequenciação por conexão.

Fonte:(FÁVERO, 2002, apud GOMES p.4)

Na perspectiva de Koch (2002 apud GOMES, p.5), existem recursos na língua que têm por função estabelecer relações de sentido entre enunciados ou parte de enunciados, como elos e mecanismos coesivos na construção da textualidade. Sendo assim, a Coesão referencial engloba: a) artigos; b) pronomes; c) elipses; d) numerais; e) advérbios; f) pró-formas verbais; g) expressões ou grupos nominais definidos; h) nominalizações; i) expressões sinônimas ou quase-sinônimas; j) Nomes genéricos; l) hiperônimos ou indicadores de classe. Já a Coesão sequencial engloba: a) recorrência de termos; b) recorrência de estruturas ou paralelismo sintático; c) recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrase; d) recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou supra-segmentais; e) recorrência de tempo e aspecto verbal; f) procedimento de manutenção temática; g) progressão temática; h) encadeamento; i) conexão.

Dessa forma, nota-se que é a coerência que permite a percepção de uma sequência linguística seja vista como um texto, pois, por meio de vários fatores, estabelece relações sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas. Já a coesão – conexão entre palavras e frases – são os modos nos quais os componentes que fazem parte da estrutura textual estão unidos entre si dentro de uma sequência lógica e compreensível.

De acordo com Kock e Travaglia há cinco mecanismos, segundo eles, os quais a coesão textual procede: referência, substituição, elipse, conjunção e lexical. A referência diz respeito aos itens da língua que se relacionam a outros elementos necessários à sua interpretação, ao invés de serem interpretados semanticamente pelo seu sentido próprio. Para os autores,

a comunicação ocorre por meio de referências, as quais estão ligadas ao mundo externo situacional, assim como ao plano textual.

A referência é assim denominada exofórica quando a remissão é feita a algum elemento que se encontra fora do texto (extralinguística). Diz respeito à situação comunicativa, no qual o referente está fora do texto. Já na referência endofórica, essa remissão é feita nos limites do texto no qual o referente está situado, podendo proceder ou suceder o item com o qual se relaciona.

O tipo mais comum de referência endofórica é aquele em que a remissão ocorre por procedência – anáfora. Os mecanismos coesivos de retomada anafórica (referentes a itens lexicais já mencionados no discurso) garantem a unidade temática dos textos, pois promovem a manutenção dos sentidos referidos. Os seus constituintes pronominais (anáforas realizadas por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos) prestam-se especialmente a esse modo de referenciação.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada nesta monografia foi a pesquisa bibliográfica por meio da análise descritiva de publicações, textos discursivos, documentos, livros diversos, sites, livros afins de gramática da língua portuguesa, com a finalidade de avaliar a atuação do revisor de texto no processo de revisão textual diante dos diversos gêneros textuais/tipos textuais, tendo em vista o reconhecimento dos elementos da textualidade.

Para Marcuschi (2002, p. 19-20), os gêneros textuais surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, sendo que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto, porque toda comunicação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Considerando os objetivos que se têm ao realizar a pesquisa, optou-se por uma investigação teórica bibliográfica. Segundo Prestes (2008, p. 26) “A pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado”. Para isso, realizou-se, durante a pesquisa, leituras e análises de textos científicos dos autores como: Públio Athayde, Bakhtin, Jean Paul Bronckart, Marcuschi, Risoleide Oliveira entre outros estudiosos da ciência linguística que muito contribuíram nesse campo.

Desse modo, a pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem quantitativa-qualitativa. Uma pesquisa que propicia o confronto entre os dados, as evidências, as informações sobre determinado assunto e o conhecimento teórico a respeito dele. O método utilizado foi o dedutivo, a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo tem mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza-se a dedução, raciocínio que caminha do geral para o particular.

Enfim, cabe também ao revisor de textos ter uma visão ampla de que quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Enfim, segundo Bronckart (1999, p.103): “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Destarte, a presente pesquisa vem corroborar sobre a relevância do revisor no julgamento de uma série de aspectos, dentre os quais a textualidade do material que se lhe apresenta. Conforme Beaugrande e Dressler, sete fatores são responsáveis por assegurar a textualidade de um discurso: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade.

Objetivando a realização de uma revisão de textos do gênero conto, identificando algumas características, bem como os mecanismos e elementos da textualidade utilizados por Machado de Assis, verificou-se a coesão e coerência a fim de diagnosticar as principais marcas linguísticas em “A Missa do Galo”.

Destarte, o revisor de textos deve ter um olhar apurado para as dimensões retóricas e pragmáticas em processo de revisão, numa análise linguística que abrange desde o nível discursivo e léxico-sintático, observando mudanças, interferências e modificações não apenas na configuração interna do gênero textual – adaptações nos aspectos linguísticos, na estrutura potencial e na função social imediata do gênero, também aspectos sintáticos, fonéticos, estilísticos e semânticos.

O estudo visa classificar o gênero discursivo “Conto”, numa análise linguística exaustiva que deve ser debruçada pelo revisor de texto na definição, correções e modificações que caracterizam gêneros que estão em processo de simbiose devido às especificidades sociais e contextuais. É de vital importância a tarefa do revisor em desempenhar dentro da análise de textos considerações acerca dos elementos da textualidade e dos gêneros textuais. Nesse viés, selecionou-se um conto de Machado de Assis para demonstrar a efervescência de formas, de estrutura, de conteúdo do gênero textual conto publicado em diferentes suportes, diferenciando-as a partir dos textos canônicos.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ponderando a análise dos contos, vislumbrou-se a checar durante todas as fases da revisão textual realizar uma leitura minuciosa do conto, padronizando alguns aspectos próprios do estilo e linguagem de Machado de Assis. Primeiramente, foram selecionados os textos em alguns sites e blogs sobre literatura, por conseguinte visualizou-se o suporte nos quais os textos foram publicados, bem como alguns erros próprios, reconhecendo a importância do revisor no enfrentamento e reconhecimento das características, recursos e efeitos linguísticos e textuais utilizados.

Sabendo que a coesão mantém a linearidade do texto, a ligação, a relação e os nexos dos elementos que constituem a superfície textual explicitamente revelada por meio de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, verificou-se alguns mecanismos utilizados por Machado de Assis na organização sequencial do texto, averiguando a ocorrência da coesão sintática, semântica, estilística, pragmática e outros elementos gramaticais. Enfim, foram verificados os seguintes casos expostos no quadro abaixo de coesão referencial e sequencial:

QUADRO 3- Coesão Referencial e Sequencial

COESÃO REFERENCIAL POR SUBSTITUIÇÃO OU REITERAÇÃO COESÃO SEQUENCIAL POR RECORRÊNCIA OU PROGRESSÃO TEMÁTICA	
“Nunca eu pude entender a conversação que eu tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete anos, ela contava trinta anos .”	Neste trecho observa-se a omissão de duas elipses de substituição anafórica do pronome pessoal “EU” em referência ao narrador, a elipse por zeugma do verbo “CONTAVA” em alusão à Conceição, uma vez que ocorreu a supressão de um termo presente na oração

	anterior e do substantivo quantificador “ANOS”. A elisão dos termos se dá no plano sintático do texto, ou seja, na coesão de alguns índices que serão facilmente reconhecidos pela leitura do plano frasal.
“Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, eu preferi não dormir; combinei que eu iria acordá- lo à meia-noite.”	Equivale a uma chamada de jornal, para prender a atenção do leitor. Acontece ainda uma elipse por referência anafórica ao narrador antes do verbo preferir. É feita também uma referenciação anafórica pronominal de vizinho por meio da forma oblíqua “ló”
“A casa em que eu estava hospedado era a casa do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas.”	Verifica-se a ocorrência da elipse por zeugma “casa” na substituição por omissão de um termo anteriormente mencionado, referenciado por anáfora pelo determinante definido a.
A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios.	O termo sublinhado é uma referenciação por substituição anafórica por pronome demonstrativo, que indica a relação de parentesco de mãe e filha.
Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas.	Faz-se uma referenciação pronominal demonstrativa em “naquela” que indica a casa da cidade de Rio de Janeiro. Há a coesão semântica por campo semântico, por meio da associação de itens que pertencem há um mesmo campo lexical, numa remissão anafórica dos membros que constituíam a família por meio de da utilização dos termos “escrivão, mulher, sogra e escravas”
Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi- lhe que me levasse consigo.	Tendo em vista as formas pronominais “lhe e me” referem-se respectivamente ao Sr. Menezes e ao narrador por meio da referenciação anafórica por pronomes pessoais do caso oblíquo.
Nessas ocasiões , a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa ; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte.	No que diz respeito à expressão “nessas ocasiões” há uma retomada por substituição da forma nominal “teatro” indicativa das traições e costumes do Sr. Menezes. Já a expressão “As escravas riam à socapa, significa que elas riam disfarçadamente”. A expressão dá ao texto um sabor de época, anda injustamente esquecida: “à socapa”. À socapa nasceu no século 16 e quer dizer às escondidas, sorrateiramente, de forma dissimulada ou sonsa, furtivamente, por baixo dos panos. Tem um sinônimo que talvez soe ainda mais antiquado – embora seja de fato mais recente, do século 18 – em “à sorrelfa”, de idêntico significado, e outro na atualíssima

	<p>e informal expressão “na moita”. O dado curioso é que socapa vem de “sob a capa”, o que basta para torná-la uma palavra datada: além de anacrônicos super-heróis, quem usa capa hoje em dia? Por fim há uma referenciação anafórica pronominal de Sr. Menezes no uso do pronome “ele”</p>
<p>Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana.</p>	
<p>Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.</p>	<p>No que concerne ao significado de “comborça” é um s.f. Amásia de homem casado. s.m. Indivíduo amancebado, em relação ao outro amante ou ao marido da mulher com quem se amancebou. A conjunção adversativa “mas” estabelece a coesão sequencial temática por conexão, indicando que Conceição apesar da infidelidade acostumara-se com as traições. Já o emprego dos verbos no pretérito mais-que-perfeito “padecera, resignara e acostumara” faz uma referência por locução verbal com o pronome oblíquo “se” remetendo ao comportamento passivo de Conceição</p>
<p>Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato dava para maometana, aceitaria um harém, com as aparências salvas.</p>	<p>O uso do pronome oblíquo “lhe” faz uma referenciação anafórica de Conceição. Em “nem grandes lágrimas, nem grandes risos” há uma coesão por conexão de ideias opostas, que revelam o temperamento da personagem num paralelismo sintático. Já o vocábulo “maometana” é adj. que se refere a Maomé ou ao maometismo. S.m. Sectário do maometismo. O mesmo que muçulmano, sendo que no texto faz uma coesão por reiteração na utilização de diferentes itens lexicais ou formas nominais, isto é, sinônimos indicando um mesmo referente “Conceição”.</p>
<p>Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.</p>	<p>Os termos “a, nela e pessoa” referem-se à Conceição por substituição endofórica anafórica, por meio da utilização de formas pronominais oblíqua e pessoal, também na utilização de um item lexical ou forma nominal respectivamente. O uso do vocábulo “nem” cria uma antítese sobre a imagem de Conceição, conectando as ideias pela oposição na progressão de sentidos, pela recorrência de termos para estabelecer um paralelismo. Já o termo “tudo” é uma</p>

	substituição catafórica dos sentimentos de amor e ódio das traições e visitas ao teatro do Sr. Menezes pela utilização do pronome indefinido.
Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte".	Tomando por base "naquela" faz uma referência anafórica temporal demonstrativa do passado dos anos, que causa incerteza, imprecisão no narrador sobre o ano decorrido. Também faz uma progressão temática na sequência dos anos.
A família recolheu-se à hora do costume eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém.	A expressão "à hora do costume" retoma os velhos costumes pela reiteração por substituição do item lexical velhos costumes. O uso do termo "dali" é um dêitico de localização, isto é, um advérbio de lugar que retoma endoforicamente por catáfora na reiteração da sala da frente.
Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra , a terceira ficava em casa.	No que tange a organização da estrutura sintática da frase "Tinha três chaves a porta", esta apresenta uma ordem inversa –VOS, fugindo do padrão de construção frasal de sujeito, verbo e objeto. No que concerne aos termos "uma, outra e terceira" são anáforas por substituição de chave realizada por numeral (quantificadores) já "outra" ocorre por pronome indefinido, ocorrendo também a elipse por referência do vocábulo "chave"
- Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.	Observa-se uma passagem da utilização do pretérito perfeito ao imperfeito. Já a forma pronominal "me" é uma referência endofórica do narrador por pronome oblíquo.
- Leio, D. Inácia. Tinha comigo um romance , os <i>Três Mosqueteiros</i> , velha tradução creio do Jornal do Comércio . Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras .	A expressão "um romance" é uma referenciação catafórica por apostrofo do livro de Alexandre Dumas "Os Três Mosqueteiros", enquanto a palavra "velha" refere-se anaforicamente por adjetivação a edição do livro pelo Jornal do Comércio. Em "Jornal do Comércio e aventuras" faz-se uma remissão exofórica tanto no nome do jornal, quanto nas aventuras do cavalo magro de D'Artagnan no romance dos Três Mosqueteiros. O operador "enquanto" possibilita a progressão temática e coesão sequencial por conexão sinalizando o tempo dedicado do Sr.Nogueira à leitura dos "Três Mosqueteiros"
Dentro em pouco eu estava completamente ébrio de Dumas . Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; eu ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas , um acaso.	Nesse caso ocorre a elipse do pronome "eu" por referenciação anafórica do narrador. Já o vocábulo " Ébrio " significa o oposto de sóbrio. No sentido figurado é aquele arrebatado por algo que enleva ou encanta, extasiado, embriagado. Ou ainda aquele que está em estado de

	anormalidade por efeito do amor ou da paixão ou de qualquer intensa perturbação emocional, alucinado. Desse modo, empregou metonimicamente autor pela obra que ocasionava estado de encantamento. Já “Dumas” é referência exofórica do autor da obra “Os três mosqueteiros”. Já em “dar por elas” é uma remissão anafórica por substituição de horas.
Entretanto , um pequeno rumor que ouvi dentro da casa veio acordar-me da leitura.	A conjunção adversativa “entretanto” estabelece a coesão sequencial temática por conexão indicando uma quebra no silêncio que imperava na casa, quando se ouve rumores na sala. Na declaração “ouvi dentro” há a supressão da palavra casa; elipse de coesão sequencial de progressão por manutenção temática da leitura realizada no centro da sala.
Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar ;	No emprego dos termos “corredor, sala de visitas à de jantar” há a manutenção temática pelo uso de termos do mesmo campo lexical; na utilização de hipônimos do hiperônimo “Casa”
Levantei a cabeça; logo depois eu vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição. - Ainda não foi? Perguntou ela	Ocorre a elipse do pronome “eu” por referência anafórica do narrador. Já em “ela” é uma coesão sequencial por substituição anafórica, por meio do pronome pessoal para recuperar conceição
- Não fui; parece que ainda não é meia-noite. - Que paciência!	
Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova . Ela Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras.	O vocábulo “alcova” de origem árabe, al-kobba significa esconderijo (MÉRITO, 1957), local onde se busca segurança. Também é o quarto da mulher e por extensão, o quarto de dormir, onde o território individual ou de um grupo familiar é marcado. No século XIX, alcova era o quarto dos prazeres, um espaço muitas vezes sem ventilação, nem iluminação: o ambiente mais privado da casa. Atualmente, pode-se afirmar que a alcova é um espaço relacionado à territorialidade e ao espaço íntimo e pessoal, onde o acesso não é permitido a qualquer um; ela é importante porque a

	<p>privacidade é uma necessidade do ser humano desde a concepção. Ocorre a elipse do pronome pessoal “ela” numa referência anafórica por substituição de Conceição</p>
<p>Eu Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, ela respondeu com presteza:</p>	<p>Ocorre em “fechei” a elipse por referência anafórica do narrador e em “respondeu”, a omissão diz respeito à Conceição. A forma pronominal pessoal “ela” remete por substituição “Conceição”. A expressão “canapé” significa s.m. assento para duas ou mais pessoas, com encosto e braços.</p>
<p>- Não! qual! Eu Acordei por acordar.</p> <p>Fitei-a um pouco e eu duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; os olhos pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.</p>	<p>Há a elisão do pronome “eu” na referência endofórica por anáfora do narrador, também ocorre a supressão de “os olhos” antes do verbo pareciam. O pronome oblíquo “a” em “fitei-a” e do pronome pessoal “ela” retoma por substituição pronominal o referente Conceição. Já “os olhos” é um hiperônimo de o termo fitar, haja vista que pertencem há um mesmo campo semântico, estabelecendo uma progressão na frase no processo de envolvimento , sedução e do possível adultério. No caso de “a botei fora” é uma referência anafórica por substituição de “essa observação”. O emprego dos verbos no subjuntivo “dormisse e mentisse” representa a dúvida em relação ao comportamento de Conceição.</p>
<p>- Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.</p> <p>- Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que ela se assustasse quando me viu</p>	<p>A expressão “não tem medo de almas”, “assustasse, outro mundo e “dormir” progridem semanticamente em toda extensão dessa oração, estabelecendo relações coesivas por palavras de um mesmo campo lexical”. Há a elipse do pronome pessoal “ela” num processo de referência por substituição de “Conceição”. Ainda ocorre a remissão por anáfora do narrador por meio de do pronome oblíquo “me”.</p>
<p>- Quando eu ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.</p> <p>- Que é que estava lendo? Não diga, eu já sei, é o romance dos <i>Mosqueteiros</i>.</p> <p>- Justamente: é muito bonito.</p> <p>- Gosta de romances?</p> <p>- Eu Gosto.</p> <p>- Já leu a <i>Moreninha</i>?</p> <p>- Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.</p> <p>- Eu gosto muito de romances,</p>	<p>Acontece no trecho “ouvi” a elipse da forma pronominal “eu” por referência anafórica do narrador. O operador argumentativo “mas” estabelece a conexão sequencial da entrada de Conceição à sala, que quebra a concentração das leituras e ocasiona um pouco de medo. Ocorre a omissão da forma pronominal “eu” antes das formas verbais “já sei, gosto”. Na passagem “já leu a Moreninha? Do Dr. Macedo? Tenho lá , faz-se uma referência exofórica em menção ao autor da obra a Moreninha, Joaquim Manuel de Macedo, que foi um importante romancista</p>

mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?	da literatura brasileira e autor da obra supracitada. Também realiza-se uma referência catafórica em “tenho lá”, pelo uso dêitico do advérbio de lugar que indica Mangaratiba.
Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns . Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas	Na passagem “dizer-lhes” e “ouvia-me”, o pronome “lhe” e “me” substitui “Conceição” numa referenciação por anáfora. Já em “alguns” há a coesão referencial de substituição por meio da anáfora, a qual se dá pelo uso do pronome indefinido “alguns” que retoma o nome “romance”.
sem os tirar de mim. De vez em quando ela passava a língua pelos beijos, para umedecê- los . Quando eu acabei de falar, não me disse nada; nós ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi- a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.	O termo “os” é uma anáfora por referência substitutiva de olhos no sentido de parar de olhar. Também incide neste trecho uma conexão por progressão temática por ideias que pertencem a um mesmo campo lexical “olhos, pálpebras, meio-cerradas”. Ocorre também a elipse da forma pronominal “ela, a” por referência a Conceição, que acenava um flerte. Em “eles” retomam-se anaforicamente dedos. Já em “tudo” faz-se uma referência anafórica resumitiva de todas ações realizadas por Conceição.
- Talvez esteja aborrecida, pensei eu . E logo alto: - D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu ... - Não, não, ainda é cedo. Eu Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia? - Já tenho feito isso.	A elipse da forma pronominal “Eu” na coesão sintática das construções frasais na referenciação anafórica na fala do narrador.
- Eu , não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.	Em “Eu” acontece elipse da forma pronominal “Eu” referente por substituição de Conceição.
- Que velha o quê, D. Conceição? Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas; agora, porém, ela ergueu-se rapidamente, ela passou para o outro lado da sala e ela deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido.	Utiliza-se em “a fez sorrir” a forma pronominal oblíqua” por referenciação anafórica e as elipses do pronome “Ela” antes dos verbos “ergueu, passou e deu” remetendo-se a Dona Conceição, demonstrando as ações na relação de encantamento.
Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, ela tinha não sei que balanço no	Em “me” ocorre uma retomada por substituição do narrador por meio da forma pronominal oblíqua. Ocorre antes da forma verbal tinha a elipse do pronome “ela” na

andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.	retomada endofórica por anáfora de Conceição.
Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal parava deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; repeti- lhe o que Conceição sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê- la .	Elipse do pronome pessoal “ela” retomando Conceição antes do verbo parava e tinha. Já em “suas” há uma referência por pronome possessivo, na anáfora das ideias de Conceição. Vê-se também em “me ver” que a fala é do eu- narrador, o qual participa da narrativa do conto. Já o uso em “repeti-lhe, perdê-la” retoma-se endoforicamente por anáfora a referente “Conceição” por meio de do pronome oblíquo “lhe e la”
<p>- É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.</p> <p>- Eu Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antônio...</p>	O termo “todas” refere-se cataforicamente as missas englobando todas as festas e celebrações religiosas. Há a omissão da forma pronominal “Eu acredito” e o uso de um elemento dêitico, advérbio situacional, “aqui” indicando lugar. Já as expressões semana santa, São João e Santo Antônio São Pedro são hipônimos, isto é, pertencentes há um mesmo campo lexical de datas católicas na reiteração de missa.
Pouco a pouco, tinha- se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi- lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que se poderiam supor.	Verifica-se a passagem de tempos verbais em “fincara e metera”, do pretérito perfeito para o pretérito mais que perfeito. Em “tinha-se” e “eu vi-lhe metade dos braços” há a remissão por processo anafórico de substituição por pronome oblíquo a Conceição. O narrador utiliza construções por adjetivos para caracterizar dando uma sequenciação na unidade por progressão temática.
A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que eu tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, eu podia contá- las do meu lugar.	Continua a descrição física de Conceição sob o ponto de vista do narrador. Em “contá-las” utiliza uma forma de retomada por substituição pronominal oblíqua de veias. Incide na oração a elipse do pronome “eu” na referência por anáfora do narrador.
A presença de Conceição espertara- me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê- la sorrir e ver- lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos.	A forma pronominal em “espertara-me” retoma o narrador por repetição anafórica do mesmo item léxico “me”. Já nas formas “fazê-la e ver-lhe” retoma por referência substitutiva anafórica Conceição por pronome oblíquo.
Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava- lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando	A forma pronominal “dela e lhe” retomam anaforicamente por substituição os traços físicos dos olhos e nariz da personagem. Já o pronome “ela” faz referência anafórica a

<p>alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:</p> <p>- Mais baixo! Mamãe pode acordar.</p>	<p>Conceição.</p>
<p>E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque ela falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, ela cansou; trocou de atitude e de lugar. Ela Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé.</p>	<p>Os pronomes “me e eu” referem-se ao narrador, enquanto “ela” retoma substitutivamente por anáfora Conceição.</p>
<p>Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:</p>	<p>A expressão “voltei-me” retoma novamente o narrador pelo pronome oblíquo “me”. Já a forma pronominal “cobriu-as e pretas” retomam anaforicamente por substituição de item lexical (pronome e adjetivo respectivamente) relacionados a chinelas, sendo que “ela” retoma anaforicamente “Conceição”.</p>
<p>- Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.</p> <p>- Eu também sou assim.</p> <p>- O quê? Perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor.</p>	<p>Retoma-se anaforicamente mamãe por substituição do uso do adjetivo coitada.</p>
<p>Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.</p>	<p>Nesse trecho retoma-se a pergunta por meio da expressão “repeti a palavra”, enquanto “ela” refere-se por substituição à Conceição.</p>
<p>- Há ocasiões em que sou como mamãe: acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.</p>	<p>No que diz respeito ao pronome “me” em “custa-me, levanto-me, deitar-me” estabelece uma conexão pela repetição de um mesmo item, por pronome oblíquo, numa referência anafórica na apresentação das ações realizadas por Conceição no seu cotidiano.</p>
<p>- Foi o que lhe aconteceu hoje.</p> <p>- Não, não, atalhou ela.</p> <p>Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo</p>	<p>O pronome oblíquo “lhe” retoma no texto Conceição por substituição anafórica. Já a palavra “a” refere-se a “negativa” por substituição de termos. Sendo que ocorre a omissão do pronome “ela” antes dos verbos “pegou, e referiu” na elipse de Conceição e do pronome “eu e me” referindo-se ao narrador antes de “acabava e pegava” dentro do plano sintático na superfície textual. Já “os” é referente aos pesadelos por</p>

<p>em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:</p> <p>- Mais baixo, mais baixo...</p>	<p>substituição pronominal. Nota-se no uso dos verbos “desse e pegava” uma associação semântica, que revela o envolvimento entre os personagens.</p>
<p>Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima.</p>	<p>O termo “pausas” refere-se há uma relação coesão semântica por associação de itens do mesmo campo semântico (conversa, narração, pergunta, palavra) para indicar a interrupção nos diálogos dos amantes. Também ocorre por anáfora a substituição de olhos por utilização dos pronomes oblíquos “se, os”. Há a utilização de diferentes expressões como “uma dessas vezes” retoma a ação verbal de abrir os olhos, num processo de reiteração por recorrência de estruturas. Já a frase “há impressões dessa noite” é retomada por substituição por outra frase de igual sentido “Uma das que ainda tenho frescas” para se referir das impressões que ainda estavam frescas numa coesão que se estabelece na utilização de diferentes formas ou itens lexicais. Em “linda, lindíssima” ocorre a reiteração de um termo por adjetivação em diferentes graus, referindo-se a Conceição.</p>
<p>Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.</p>	<p>Nota-se a utilização de hipônimos (pé, braço, mãos, ombro) do hiperônimo corpo por coesão semântica para descrição de Conceição por remissão a situação que se encontravam os personagens. Ocorrem elementos de coesão referencial por elipse ao narrador antes do verbo “cuidei” e a Conceição em “estremeceu, relanceou, falou”, remetendo-a presentes ou inferíveis por anáfora a partir do universo textual. O termo “dali” é uma referenciação endofórica pela utilização do advérbio situacional dos personagens na sala, mais precisamente na cadeira. Ainda ocorre a remissão anafórica de Conceição e do Narrador pela utilização das formas pronominais oblíquas “se e me” em sentar-se e obrigou-me.</p>
<p>- Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.</p> <p>Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava</p>	<p>Por conseguinte em “estes” é uma coesão textual remissiva a duas gravuras por substituição anafórica pronominal demonstrativa de quadro. Por sua vez, “quadro” é retomado na conexão referencial pelo pronome indefinido “outro”, pelo numeral</p>

<p>"Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.</p> <p>- Os quadros São bonitos, disse eu.</p> <p>- Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.</p>	<p>(quantificador) e pelo substantivo "ambos" colaborando para o entendimento da conversação. Também ocorre a elipse de "quadros" quando se declara que são bonitos, enfatizando-se por meio do adjetivo "bonitos" a plástica das obras. Apesar disso, o operador argumentativo "mas" estabelece conexão sequencial por adversidade ao estado dos quadros, que estão manchados. É mister evidenciar que ainda acontece a repetição do numeral para reiterar. Já o pronome demonstrativo "estas" remete a imagens e santas por coesão substitutiva anafórica de termos por pronominalização.</p>
<p>- De barbeiro? A senhora nunca foi à casa de barbeiro.</p> <p>- Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, eles falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, eu não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.</p>	<p>O termo "senhora" faz menção a Conceição pela utilização de diferentes itens lexicais remissivos por substituição. Já em "falam" ocorre a elipse de fregueses, na forma nominal eles, que é retomado pela expressão por anáfora em "deles". Ainda ocorre elipse do pronome "eu" em "não gosto" referindo-se a Conceição. Sendo que "Nossa Senhora da Conceição" é retomada por substituição pelo substantivo "madrinha" e omitida antes de "muito bonita"</p>
<p>A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que eu cheguei a abrir a boca, mas logo eu a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Ela Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida ela referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando ela cansou do passado, ela falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de ela casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.</p>	<p>Levando em consideração "trouxe-me a" refere-se ao narrador remetendo a ideia por substituição anafórica de ideia. Enquanto "tarde" é remissivo por substituição anafórica pronominal oblíqua "lô". Ocorre elipse do narrador em "cheguei, ouvir do narrador" e em "a fechei" referindo-se a boca. Além disso, ocorre a elipse do pronome "ela" remetendo-se a Conceição em "falava, referia, cansou, falou, casara". Estabelece-se ainda uma conexão sequencial por meio de da conjunção adversativa "mas" remetendo no primeiro caso a superação ou resignação de Conceição e no segundo o conhecimento por parte do narrador da vida da personagem.</p>
<p>Já agora não ela trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e ela entrou</p>	<p>Ocorre a elisão da forma pronominal pessoal "ela" antes dos verbos "trocava, saíra, entrou, falasse" remissivos a Conceição por substituição anafórica. Sendo que em</p>

<p>a olhar à toa para as paredes.</p> <p>- Nós Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se ela falasse consigo.</p>	<p>“precisamos” ocorre a elisão por omissão a nós, referindo-se a ela e ao marido numa referência exofórica da conversa. Ainda estabelece-se uma coesão referencial por substituição de Conceição pela forma pronominal oblíqua “consigo”</p>
<p>Eu Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Eu Queria e não queria acabar a conversa; eu fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.</p>	<p>Há a omissão por referência ao narrador antes dos verbos “concordei, queria, fazia”. Além disso, evidencia-se em “tolhia a língua e os sentidos” e “queria e não queria acabar a conversa” uma conexão sequencial por meio da utilização da conjunção coordenativa aditiva “e”. Há a remissão de Conceição por substituição pela forma nominal “dela”. Já a palavra “olhos” é retomada anaforicamente pela forma pronominal oblíqua “os”. É mister assinalar que na utilização da conjunção adversativa “mas” estabelece-se uma conexão sequencial em contraponto a fixação dos olhos.</p>
<p>Nós Chegamos a ficar por algum tempo, - não posso dizer quanto, - inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não eu achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, eu ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo"!</p>	<p>Nota-se a elipse antes do verbo “chegamos” do pronome pessoal “nós” numa referência ao narrador (Sr. Nogueira) e a Conceição, ocorrendo também a elisão da forma pronominal “eu” marcadora do narrador antes do verbo “achei, ouvi”. Ainda tem a omissão de tempo depois de “quanto”. Estabelece uma coesão sequencial por conexão na estrutura “o rumor único e escasso” pela conjunção aditiva “e”, sinalizando a quebra do silêncio pelos rumores do camundongo, este que é remitido anaforicamente pela forma pronominal “dele”.</p>
<p>- Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá que hão de ser horas; adeus.</p> <p>- Já serão horas? Eu perguntei.</p> <p>- Naturalmente.</p> <p>- Missa do galo! repetiram de fora, batendo.</p> <p>-Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.</p>	<p>Neste trecho há uma referenciação por substituição anafórica de “companheiro” pelas formas pronominais “lo e ele”, já o narrador é retomado anaforicamente pela forma pronominal pessoal “você”, e omitido antes dos verbos perguntei, enquanto Conceição é remetida pelos pronomes oblíquos “se, ela”. Ocorrendo a elipse do narrador antes do verbo “perguntei”.</p>
<p>E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Eu Saí à rua e eu achei o vizinho que esperava. Nós Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, eu falei</p>	<p>Enfim, observa-se neste trecho elipses em menção ao narrador em “saí, achei, guiamos, falei, fui, tornei, e ouvi”. Conceição é retomada por substituição pronominal “a” em achei-a, nem a visitei, interpôs-se”. Também ocorre a referenciação por substituição em “dali”, na utilização de um advérbio situacional de lugar.</p>

<p>da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom eu fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Eu Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.</p>	
---	--

Fonte: produzido pela autora

A partir da análise do conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis, observou-se que as escolhas de recursos linguísticos, estilísticos, temáticas da narrativa machadiana asseguram a coesão e coerência textuais. Assim, é possível caracterizar por meio do conto selecionado que o autor nos faz um convite para refletir numa ação individualizada desse sujeito sobre e no próprio trabalho linguístico construído coletivamente nos processos interlocutivos de que vem participando das tramas tecidas.

Nesse sentido, fez-se uma checagem subjetiva, almejando a compreensão de aspectos que somente a leitura atenta do texto inteiro pode proporcionar. De tal modo verificou-se alguns aspectos e recursos expressivos utilizados para manutenção da coesão e coerência textuais, tais como : elipses, anáforas, repetição de estruturas, termos ou sequências, conjunções coordenadas e subordinadas, e outros aspectos sintáticos. Portanto, objetiva-se evidenciar que Machado usa um vocabulário e algumas construções sintáticas próprias reveladoras de um estilo conciso, preciso na construção da significação do tecido textual.

4 RESULTADOS OBTIDOS

Considerando-se a textualização como processo e produto, no qual autor e leitor interagem na tessitura textual, deve-se ressaltar a configuração linguística e a situação comunicativa como elementos da contextualidade imbricados de significados de conhecimentos linguísticos e de mundo. Assim, alguns critérios da textualidade tais como: coerência, coesão, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, intencionalidade e intertextualidade devem ser observados pelo profissional revisor de textos no processo de revisão textual na análise do gênero “Conto”.

Sob essa égide é importantíssimo uma revisão fincada na importância dos elementos da textualização no processo de revisão textual. O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a relevância da revisão textual, também mostrar que a identificação do gênero é imprescindível para determinar decisões do revisor no reconhecimento das características do gênero, garantindo, desse modo, uma análise sistêmica e proficiente para assegurar a qualidade de um texto.

Portanto, faz-se necessário classificar os elementos linguísticos sem imprecisões e indefinições classificatória: uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e estilo).

A partir da presente análise verificou-se principalmente a ocorrência no tecido textual da coesão referencial por substituição e por reiteração,

incidindo também coesão sequencial por progressão ou manutenção temática. Assim, foi visto principalmente o uso abusivo de anáforas com valor remissivo pronominal pessoal, demonstrativa, associativa, bem como por campos lexicais e semânticos por hipônimo ou hiperônimo. Ainda foi possível notar a utilização na conexão das ideias a concatenação por meio de conjunções, operadores argumentativos, progressão temática, sequenciação temporal, recorrência de estruturas e termos.

Em menção, buscou-se identificar os principais mecanismos e estruturas essenciais na coesão textual, reconhecendo o uso de termos referenciais anafóricos recorrentes na estrutura textual, também termos e recursos coesivos que dão sequência, estabelecendo a manutenção de sentidos referidos anteriormente na construção coesiva de um texto, com o auxílio de vários elementos de natureza gramatical. Assim, o quadro abaixo demonstra as ocorrências dentro da contística machadiana.

QUADRO 4 - Tipos de Mecanismos de Coesão e Coerência

Análise do Conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis			TOTAL DE TERMOS ANALISADOS
			184
COESÃO REFERENCIAL	SUBSTITUIÇÃO	Endófora (anáfora e catáfora), remissão por pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, formas nominais (adjetivos) advérbios, numeral, verbos, elipses. Exófora.	Ocorreu num total de 159 casos de coesão referencial por substituição e reiteração.
	REITERAÇÃO	Utilização de sinônimos, uso do mesmo item lexical e	

		por hiperônimo-hipônimo	
COESÃO SEQUENCIAL	RECORRÊNCIA	Recorrência de termos, de estruturas (paralelismo), de conteúdo semântico (paráfrase), de recursos fonológicos segmentais (ritmos, rima, aliteração, eco, etc)	Incidu no tecido textual um total de 25 ocorrências por coesão sequencial por recorrência de estruturas e estabelecimento da progressão do texto por manutenção temática ou conexidade.
	PROGRESSÃO	MANUT. TEMÁTICA a) manutenção temática; uso de termos de um mesmo campo lexical.	
		CONEXIDADE Encadeamento por conjunções	

Fonte: produzido pela autora

Como pode ser observado no quadro acima, os mecanismos de coesão referencial por substituição ou reiteração têm uma incidência absolutamente maior que os da coesão sequencial por recorrência ou progressão. Vale salientar que as elipses num total de 44 ocorrências, e as anáforas somando 69 casos foram usadas abusivamente no transcorrer do texto, sendo que ocorreu principalmente a coesão por referenciação endofórica anafórica por substituição pronominal.

Ainda em relação à análise da tabela, é perceptível a utilização de anáforas demonstrativas, possessivas, indefinidas, também ocorreu a reiteração anafórica por hipônimo/hiperônimo. No que tange a coesão sequencial constata-se principalmente mecanismos de progressão por conexidade e manutenção temática, no uso de conjunções, operadores argumentativos e itens pertencentes a um mesmo campo lexical num número

relativamente baixo de ocorrências, conforme veremos no quadro abaixo exposto.

QUADRO 5 - Ocorrências de mecanismos coesivos

COESÃO REFERENCIAL POR SUBSTITUIÇÃO OU REITERAÇÃO		COESÃO SEQUENCIAL POR RECORRÊNCIA OU PROGRESSÃO TEMÁTICA	
Total de ocorrências		Total de ocorrências	
Elipses	44	Conexão por progressão	11
Referência endofórica 75	Anáfora 69 Catáfora 6	Conexidade- conjunções e operadores argumentativos	11
Referência exofórica	5	Coordenadas	8
Forma nominal	7	Aditivas	3
Anáfora Pronominal Pessoal	52	Adversativas	5
Anáfora Pronominal Demonstrativa	6	Subordinadas	3
Anáfora Pronominal Possessiva	4	Temporal	3
Anáfora Pronominal Indefinida	7	Coesão por recorrência	4
Formas nominais (adjetivos)	9	Reiteração e manutenção temática – itens lexicais do mesmo campo lexical	4

Advérbios e dêiticos	6	Figuras de linguagem	4
Numeral	5	Antíteses	2
Hipônimos e hiperônimos	9	Metonímia	2

Fonte: produzido pela autora

Por tudo isso, não se pode falar em diferentes tipos de coerência já que a entendemos como um princípio de interpretabilidade, como a possibilidade de estabelecer um sentido para uma sequência linguística. Entretanto, tendo em vista que a coesão é uma manifestação da coerência na superfície textual; que os elementos linguísticos da superfície do texto, coesivos ou não, funcionam como pistas que o produtor do texto escolheu em função de sua intenção comunicativa e dos sentidos que desejava que o receptor do texto fosse capaz de recuperar – pode-se esperar que diferentes tipos de textos apresentem diferentes modos, meios e processos de manifestação da coerência na superfície linguística.

Dessa forma, diferentes tipos de textos têm diferentes esquemas estruturais que, na linguística textual, recebem o nome de superestruturas. Nesse prisma, diferentes tipos de textos podem diferir quanto ao número e/ou quanto ao tipo de pistas da superfície linguística que apresentam ao receptor do texto para que ele possa estabelecer o sentido desse texto.

A relação da coesão com a coerência existe porque a coerência é estabelecida a partir da sequência linguística que constitui pistas, de ponto de partida para o estabelecimento da coerência. A coesão ajuda a estabelecer a

coerência na interpretação dos textos, porque surge como uma manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos, pois, como diz Bernardes (1892), “o texto não é coerente porque as frases que o compõem guardam entre si determinadas relações, mas estas relações existem precisamente devido à coerência do texto”.

Haja vista a coerência é basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto, caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa defender inclusive a própria produção do texto, à medida que o produtor do texto quer que seja entendido e o constitui isso.

Assim sendo, a relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla na produção do texto se vai da coerência profunda, a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto percorre o caminho inverso das pistas linguísticas na superfície do texto à coerência profunda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os fatores e elementos que dão textualidade a um texto, tais como, por exemplo: intertextualidade, intencionalidade, coesão, coerência, conhecimento de mundo, conhecimento linguístico, conhecimento partilhado, inferências, contextualização, aceitabilidade e informatividade, fez-se uma análise do conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis, observando alguns elementos linguísticos na coesão e coerência textual, que estabelecem o sentido por meio de elos coesivos.

Então, verificou-se os mecanismos da sequenciação textual, vislumbrando a progressão, sequenciação, conexão, concatenação e manutenção do fio discursivo. Enfim, analisou-se as estruturas sequenciadas

por recorrências de termos, estruturas, conteúdos semânticos e sem recorrências, reconhecendo de que maneira a progressão temática e organização e hierarquização das unidades semânticas do texto são encadeadas e conectadas.

Diante disso, notou-se que a referenciação se dá por meio de diversas formas de introdução, no texto, de novos referentes, assuntos, ideias na progressão referencial e na retomada de referentes já citados, servindo, desse modo, para construção, reconstrução e relação de ideias e significados constituintes. Portanto, a referenciação é uma atividade discursiva, realizada a partir de estratégias ancoradas ou não em elementos já presentes no co-texto

ou contexto, sendo um recurso utilizado para retomada de alguns elementos no texto (anáfora) ou introduzido deslocadamente.

Considerando as estratégias de retomada, observou-se no conto o uso abusivo de pronomes ou outras formas de valor pronominal, o uso de expressões nominais ou formas linguísticas de um determinante definido, também o uso de expressões nominais ou formas linguísticas de um determinante indefinido, que deixa as ideias com certa imprecisão.

Por conseguinte constatou-se no conto o processo de sequenciação ou coesão sequencial, na utilização de procedimentos linguísticos de sequenciação ou conexão que garantem a progressão, verificando dentro da coesão referencial ou referenciação que os componentes da superfície do texto fazem remissão a outros elementos nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Assim sendo, as retomadas no texto foram realizadas principalmente por catáfora e anáfora por substituição, reiteração, progressão temática, numa referenciação há elementos linguísticos ou termos remissivos anteriores ou posteriores a enunciação.

Ponderando sobre os principais mecanismos coesivos identificados no conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis, investigou-se a ocorrência principalmente da referenciação por referenciação anafórica pronominal, na utilização de um pronome para retomar um termo linguístico antecedente explícito no contexto por demonstração, associação, inferência, posse, advérbios, formas pro-nominais, hipônimo/hiperônimo. Haja vista, a anáfora foi a principal estratégia para o estabelecimento de relações da coesão textual, na contribuição para o engajamento das palavras e a progressão textual.

Evidenciando a importância da coesão textual, detectaram-se que os diversos tipos de coesão possuem a função de criar um sistema de relações, referências e retomadas no interior de um texto, garantindo unidade entre as diversas partes que o compõem no entrelaçamento, na articulação e na conexão de elementos pelo emprego de conectivos, cuja função é evidenciar as várias relações de sentido entre os enunciados.

Dessa forma, visualizou-se, na presente análise do conto “A missa do galo de Machado de Assis”, o reconhecimento dos principais elementos de coesão textual por: substituição (quando um componente é retomado ou precedido por pronome, verbo, advérbio etc.); elipse (omissão de item recuperável pelo contexto); reiteração (repetição de expressões) e conjunção ou itens continuativos.

Analisando os mecanismos de coesão referencial no conto, verificou-se o uso de determinados mecanismos de coesão utilizados na escrita machadiana, considerando-se os mecanismos de coesão, tais como a elipse, as anáforas nominal, pronominal e associativa, além da repetição de sintagmas nominais, modificados ou não.

Para tanto, lançou-se mão dos postulados da Linguística Textual, que serviu de amparo teórico para a análise de dados, uma vez que possibilitará o estudo das redes coesivas nos textos. Nesse viés, para compreender os processos de construção textual levou-se em consideração os estudos de Koch (2002): coesão referencial é um componente da superfície do texto que faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. “Sendo assim, ao primeiro, Koch denomina forma

referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual” (KOCH, 2002, p.31).

Dessa forma ocorreu a anáfora nominal, que é um componente da superfície textual, formado basicamente por um nome, que encontra ancoragem num outro componente previamente explicitado. Apesar de o texto apresentar repetições que marcam a coesão recorrencial, isto é, repetição caracterizada pela reiteração de um nome ou sintagma nominal anteriormente apresentado pelo uso abusivo da repetição. Destarte, a anáfora é definida como constituinte essencial na coesão e retomada referencial.

Enfim ocorre a anáfora pronominal, que é aquela em que a relação anafórica é tecida por meio do uso de pronomes (ele, ela, eles, elas). A função pronominal, nesses casos, é apenas estabelecer a ancoragem com um termo antecedente. Ainda teve a anáfora associativa, que ocorre quando um elemento é introduzido no texto, sem que haja uma ancoragem explícita com nenhum outro termo anteriormente apresentado, necessita acessar determinados esquemas cognitivos para associar uma ideia à outra e estabelecer a relação de significação e por fim, a elipse (ou anáfora zero), que consiste na omissão de termos, facilmente inferíveis no decorrer do texto.

Por tudo isso, sabe-se que os mecanismos de coesão nominal funcionam para dar continuidade e progressão temática ao texto, no uso eficiente dos elos coesivos que contribuem para assegurar a coerência temática e organização interna dos textos, garantindo dessa maneira mais inteligibilidade, coerência e, sobretudo, textualidade na contística “A Missa do Galo” de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. **Textualité et séquentialité. L'exemple de la description. Langue Française: la typologie des discours**. Paris, Larousse, no 74, p. 51-71, maio, 1987.

_____. **Cadre théorique d' une typologie séquentielle. Études de Linguistique appliquée: Textes, discours, types et genres**. Paris, Didier Érudition, nos 83, p. 7-18, juillet-septembre, 1991.

ANTUNES, I. **Aspectos da coesão do texto**. Recife: Edufpe, 1996.

_____. Aspectos da coesão do texto: uma análise em editoriais jornalísticos. Recife: Universitária, 1996.

ATHAYDE, Públio. **Revisão de textos: teoria e prática**. São Paulo: AGBook, 2012.

_____. **Manual para redação acadêmica**. Belo Horizonte: Editora Keimelion Ltda, 2002. v. 1. 200 p.

_____. **Manual Keimelion 2010 para redação acadêmica** Belo Horizonte / São Paulo: Editora Keimelion / AGBook, 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistema de atividades: **como os textos organizam atividades e pessoas**. In: **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BEAUGRANDE, R. de & DRESSLER, W. U. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. **Text, discourse and process: Toward a multidisciplinary science of texts**. London, Longman, 1980. 351 p.

_____. BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. 1981. **Introduction to text linguistics**. London, Longman, 270 p.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagem, Textos e Discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999. 353 p.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais.** São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Coesão e Coerência Textuais.** São Paulo: Ática, 1999

KOCH, I. G. V. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Introdução à lingüística textual.** São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A coesão textual.** São Paulo: Editora contexto, 2005.

_____. KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. KOCK, I. V. **O texto e a construção dos sentidos.** 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. & KOCK, I. G. V. **Lingüística Textual: introdução.** São Paulo: Cortez, 1983.

_____. KOCH, I.G.Villaça & FÁVERO, L. Lopes. Contribuições a uma tipologia textual. Letras & Letras. Uberlândia: EDUFU, V.3, no 1.p.3-10.junho,1987.

_____. KOCH, Ingedore Villaça, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência textual.** São Paulo: Contexto, 1990.

_____. KOCH, Ingedore G. Vilaça Coesão Textual. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2000.

_____. KOCK,I.G.V. & TRAVAGLIA,L.C. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto – o que é e como se faz.** Recife: Série Debates 1, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

_____. Gêneros Textuais: **Definição e Funcionalidade.** In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA; Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros Textuais & Ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: **configuração, dinamicidade e circulação.** In:KARWOSKI, M. A.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO K. iebeneicher. (Org.). **GênerosTextuais: Reflexões e Ensino.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed., 2008. p. 15-45.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008, 295 páginas.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgos.) **Hipertexto e gêneros digitais.** 2

ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros. In: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária** - Poesia. 17. ed. Editora Cultex, 2006.

PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. **A pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do Planejamento dos Textos, da Escola à Academia**. – 3. ed; 1. REIMP. – São Paulo: Rêspel, 2008.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Risoleide Rosa Freire de Oliveira. Natal, RN: Edufrn, 2010, 150 p.

SWALES, John M. 1990. **Genre Analysis. English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press.

TRIBAUDET, Albert. **Physiologic de la Critique**. Paris. Nouvelle Revue Critique. 1948.

VAN DIJK, Teun. **A cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinário**. Buenos Aires, Barcelona, Paidós, 1983.

ANEXO- Conto Missa do Galo

(Machado de Assis)

NUNCA PUDE entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? pergun-tou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, Os Três Mosqueteiros, velha tradução creio do Jornal do Comércio. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor

que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ela.

— Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho!

Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhei: mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

"Talvez esteja aborrecida", pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você,

perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja,

hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor.

A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia, contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras cousas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras.

Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: cochichávamos os dous, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou, trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram

pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve, se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti-lhe a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe, acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo. . .

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me.

Uma das que ainda tenho frescas é que em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso, mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo.

Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saía da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo"

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera.

Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.